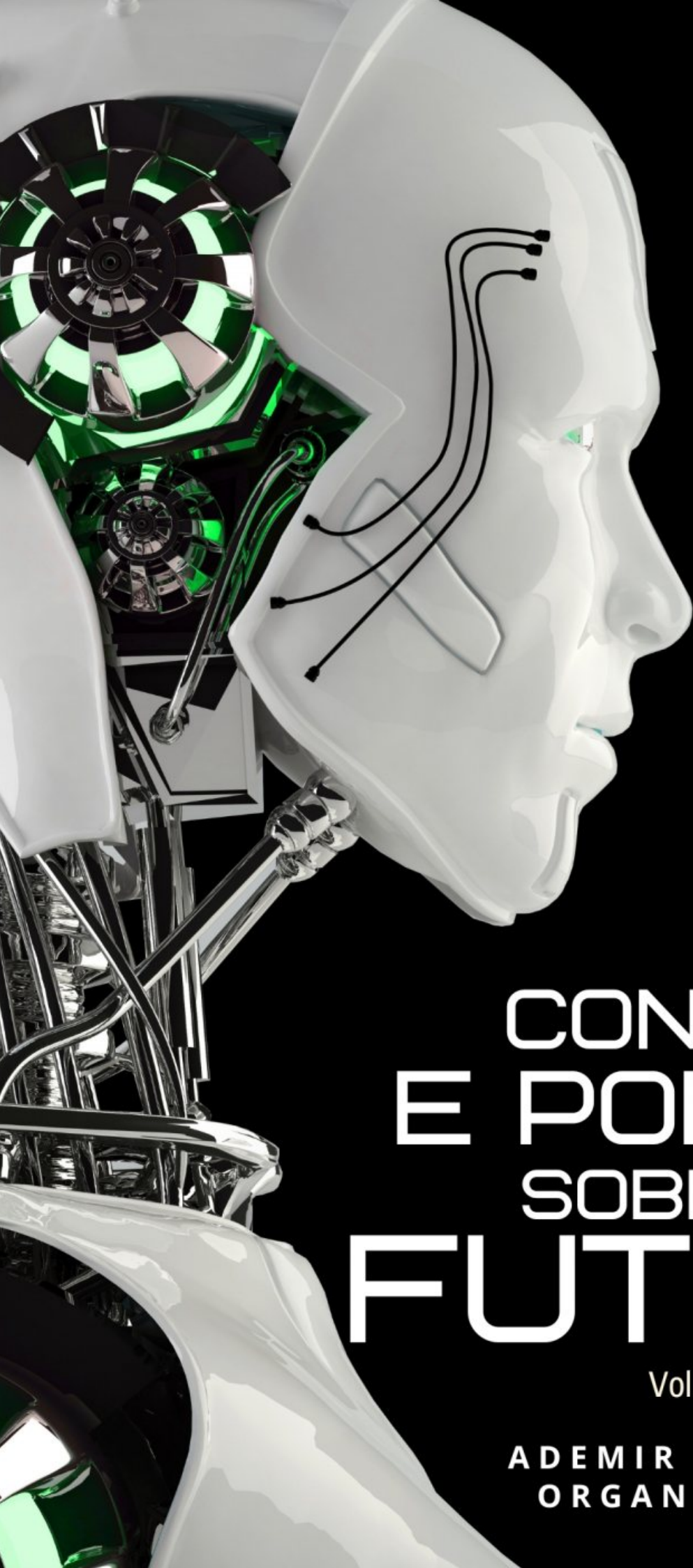




CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

Vol. VII

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-58954-1
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

(DES)ESPERANÇA DO FUTURO, POR ALEXANDRE C. DE J. NOLÊTO, PÁG. 05
CAMINHOS QUE ME FALTAM, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 09
O SEMEADOR DAS CHAVES. O ALFAIATE DAS HORAS, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 11
PRAZER COM MÁQUINAS, POR BARBIE DOG, PÁG. 13
O ÚLTIMO JARDINEIRO DA CIDADE DE VIDRO, POR BRUNO REALLIME, PÁG. 16
NOS BATIMENTOS DO CORAÇÃO DIGITAL, POR FÁBIO LUZ, PÁG. 19
O ANCIÃO DOS OLHOS DE ÁGUIA (EPISÓDIO IV DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA), POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 24
O MENINO DA PIPA (EPISÓDIO V DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA), POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 30
O GUARDIÃO DO LAGO - I (EPISÓDIO VI DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA), POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 36
O GUARDIÃO DO LAGO - II (EPISÓDIO VI DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA), POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 42
DESCONGELAMENTO, POR KAROLINA VÁLOVÁ, PÁG. 48
A MONTANHA DE MOLOQUE, POR LUIZ ROSA, PÁG. 52
PIRAS DE ANTUÉRPIA, POR LUIZ ROSA, PÁG. 54
O DEUS DE NÉON, POR LUIZ ROSA, PÁG. 57
AMANHÃ, QUEM SABE..., POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 60
QUANDO O CÉREBRO FLORESCE DIFERENTE: O FUTURO É NEURODIVERGENTE, POR PAULYNE KALIL, PÁG. 62
DA ESCURIDÃO, QUE VENHA A LUZ, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 70
O ROBÔ, POR ROZAN CEZARE, PÁG. 75
FUTURISTA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 78
E AGORA, ESSA "IA", POR SELLMA LUANNY, PÁG. 80
A DESMANTELAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 82
QUISERA ACREDITAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 84
O CADERNO EM BRANCO, POR VERA LÚCIA DE ATHAYDE, PÁG. 86
CONFESSA!, POR VICTOR HUGO LEVINDO, PÁG. 89
AO MEU GRANDE AMIGO, POR VICTOR HUGO LEVINDO, PÁG. 92
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 95

**CONTOS
E POEMAS
SOBRE O
FUTURO**

Vol. VII

**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

(Des)esperança do futuro

Por Alexandre C. de J. Nolêto

Nascido em Teresina (PI), formado em Direito com especialização e mestrado na área, já tendo desenvolvido várias profissões jurídicas (Advogado, Delegado, Professor, Defensor Público). É autor das obras Herança Sombria (romance), Tribulação (romance), EM-CONTOS E DESENCANTOS (conto) e participante das publicações das antologias CONTOS, POEMAS E LENDAS, INVICTUS, VAN GOGH, ENTRE LINHAS E SENTIMENTOS, autor do projeto de leitura LER E CRESCER SÃO PASSOS DA MESMA CAMINHADA, atuou como jurado no PRÊMIO PROVERBO DE LITERATURA e é palestrante diversos eventos.

Confesso, não sei se posso
Mas insisto que confesso
Admito que me esforço,
Ter o meu pensar diverso,
E digo em prosa e verso
O humano, caminha ao nada
Insiste que seja o fim
Do rumo, tempo e jornada,
Como se o que vier, enfim,
Venha abreviar a estrada.

Parece ser pessimismo
Não só parece, mas é,
Que seja só porque cismo
Talvez por falta de fé
Eu venho de um tempo ido
Do passar do tempo, até
De quando eu fui nascido
Século passado findo
Tendo o milênio vencido
E de tudo novo vindo.

Nasci à década sétima,
Século vinte termina
Hora minha que era íntima
Ciclo vinte e um, atina
Onde começa meu medo
Onde termina o mundo
Se ao passado era cedo

Agora o tempo é ao fundo
Sequência de hora o enredo
Trágico é o que há de fecundo.

Sei que esperas de mim
Boas palavras ouvir
Lê-las no texto e ao fim
Fortalecer-se aqui
Qual a somar-se propósito
Como se o vir do por vir
Viesse sem ter exército,
Sem fome e sede existir
Como se Justiça ácida
Fizesse a força sentir.

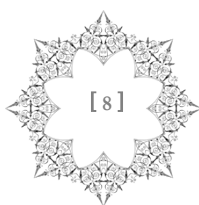
Sinceramente eu digo
E digo sem ter receio
Que por onde passo e sigo
Não planto no seio alheio
Aflição, e sim boa espera
De não afetar os demais
Com essa tal besta-fera
Que tanto temor me traz
Escondo o tremor que gera
Escondo a perda de paz.

E, assim mesmo, trafego
Pela estrada dessa vida,
Sentimento lá no ego,
E do meu eu, ser tangida,
A tal dessa ideia eu supere
Mas mude também o humano

Que em cada ser se altere
Seja rural ou urbano
O sentimento perverso
De maltratar, ser tirano.

E se perguntas: “Por quê?”
É que olho que o progresso,
Longe de mim, tu ou você,
Vai somando todo excesso,
Inumana inteligência
Pessoa que é só solidão
Beleza sem inocência
Vida em mera ilusão
Enquanto a linda essência
É em fuga do coração.

Quanto tempo ainda há
Relógio segue a bater
Não sei, nem vou arriscar
Vou seguir no meu viver
(Não admito endoidar),
Mas alegrar-me ao belo
Sem migalha, sem farelo
Céu azul, sol amarelo
Só buscando novo elo
E tentar de bem ficar.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Caminhos que me faltam

Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Caminhos que me faltam, que me alçam ou me desesperam... por mim, eles me esperam!

Caminhos aflitos, gritos enrustidos... ardidos, árdegos momentos da quietude e da inquietude... foram eles que me perderam ou fui eu que não os achei?

No meio da mata, espírito que não me desata... olhos invisíveis, do cocheiro das flores, das carruagens das dores e, até... dos espinhos, são ou seriam os meus próprios caminhos? E o pergaminho e o cachorro que late e o javali que me procura? Não sabem eles que eu, aqui estou?

Mas, os olhos da mata dos cílios dos rios, pálpebras em quem ou em que eu me confio?

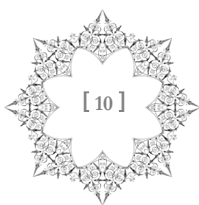
Já não escrevi e viajei, em antanhas eras, quimeras ou não, já não explorei os simbolismos do grávido rio? Aquele, aquela da nave da futuridade? Em qualquer idade? Perdido esconderijo no bojo e no tojo?

Mas, o espírito ou alma da carruagem dos meus caminhos não percorridos, ele ou ela, eles ou elas, eles me fitam enquanto me esperam... dizem eles, onde está o beija-flor e o condor? Com dor ou sem dor, ele nos chegará aqui, lá ou acolá... caminhos que me faltam, eles me asfaltam breus e pneus, eles são meus conhecidos e, até dos desconhecidos, eu sou ou serei muito bem perdido...

Mas, os caminhos que me faltam percorrer... ar, areia ou arena nas cadeias e nas candeias... por que estes archotes, maus ou bons consortes, não me ardem com clarividência? Com opulência? Com neurociência? Com o realejo das ondas gravitacionais dos buracos negros onde eu nunca jamais me escondi?

A gravidade de atração é muito boa, hoje, minha atuação...

Se os meus caminhos que me faltam chamam-me com clarividências, que vidências ou evidências que, em assim sendo, a opulência deles em chamar-me, não são ou seriam chamadas de perdição? Energia em ebulição? Que me queimam, que me queimaram no alho e no atalho? Do tempero e no descomedido anteparo do muro que não me ultrapassa? Que eu por eles não passo? Mas, os meus caminhos que me faltam me chamam e me proclamam... eles são chuvas e plumas dos momentos temperados e, até dos destemperados, são meus ciclones e meus clones.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O semeador das chaves. O alfaiate das horas

Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Ele era um semeador de chaves, de alicates e de torqueses...

Ele procurava fechaduras, ferraduras com cravos ou sem cravos...

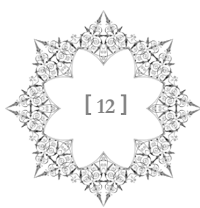
Ele era alfaiate das horas, ele compunha canções do tempo, dos teus tempos e... Ele acompanhava todos os momentos teus... Ele te vestia das vestes dos teus momentos. Claro, ele não era alfaiate da cortesia? Da boa cortesia? Ele não apanhava o som do mar na concha do eco das horas? Sem maresia, sem maresias... **Ele muito bem te vestia**... de tempo, de tempos, de teus movimentos...

Mas, mais que tudo isto, cirandeiro e mentireiro, semeava chaves e cadeados ao chão plantados ou alados **candados*** com asas que voam, procurando chaves, cravos, alicates, torqueses e alfaiates.

Ele era, mais do que tudo, um plantador de chaves... Ele possuía um bernal às suas costas de animal, onde punha e compunha suas chaves, sementes muito contentes a esperar semeaduras e ferraduras, cadeados, **candados***, sepulturas enterradas nas covas das alcovas onde deveriam existir dentaduras e ferraduras. . . Essas, estas, as esperavam, às chaves, aos saltimbancos semeadores do que caminha semeando ao redor e avante e conseqüente, sementes e altares...

Ele era religioso, ele era **espiritualista**... Claro, ele não era medíocre nem calculista. Ele era um **semeador** de chaves nas terras, nos morros, nos rios, nos monturos de lixos, nas lixeiras, nos lixões **e nos escuros corações**...

Esperava que num dia qualquer... Ele pensava que viria... que ele encontraria sua fechadura e sua armadura...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Prazer com máquinas

Por Barbie DOG

Barbie DOG é rapper, poeta e escritora. Sua escrita é focada em temas políticos, crime, terror psicológico e sobrenatural, religião, espiritualidade, filosofia, sociologia e sexualidade. Gosta sempre de trazer aspectos pessoais para suas obras, sabedoria de vida, relatos, opiniões, e exemplos do cotidiano. Tem diploma em Nutrição, com Pós - Graduação em Psiconutrição - O Comportamento Alimentar, utilizando-se, muitas das vezes, de conhecimento científico para enriquecer suas obras. Seu objetivo é sempre transmitir seus ideais e passar mensagens profundas por trás de seus escritos.

Olhe lá, o futuro chegando!
Chega de violência,
Com a desculpa de estar educando...
O individualismo chegou,
Chega de conexão...
Não importa quem errou.
Cada um no seu canto,
Nos odiamos...
Não existe nenhum santo.

Brinquedos sexuais, casas de sexo...
É o sistema,
Da sociedade apenas um reflexo.
Mulher não quer homem,
Homem não quer mulher...
Hoje à noite gozarei,
Com uma pessoa qualquer!

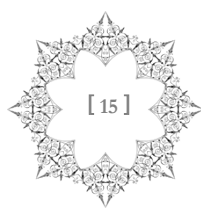
Bonecos infláveis...
Egoísmo & rejeição,
Pessoas não são amáveis!
Boneco não fala, não responde...
Boneco não mente, trai...
Boneco não esconde.

Pessoas machucadas...
Trauma & luta
Serão dignas de serem amadas?
Incompreensão...
Como te curar?
Eu nem tenho mais coração.

A solidão pode ser boa,
Paz é inegociável...
Irei embora à toa!
Existe um lado ruim...
O robô não beija,
Quando o sexo tem seu fim.
Calor humano...
Irá o robô me acompanhar?
Digo, no charuto cubano...
Sinto falta, confesso...
De uma conversa, abraço...
Se eu quiser sentir cheiro,
Me diz, o que faço?

Será o amor uma ilusão?
Coisa de filme, de série...
Conteúdo de canção?
O passado era mais coletivo,
Porém era falso...
Era obrigatório ser participativo.
Gostar da família, do parceiro...
Ódio & desunião,
Mas sim, é mais verdadeiro.

Sinto falta, confesso...
De uma conversa, abraço...
Se eu quiser sentir cheiro,
Me diz, o que faço?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O último jardineiro da Cidade de Vidro

Por Bruno Reallyme

Bruno Reallyme usa a ficção científica como lente crítica sobre o presente e bússola para o futuro. Inspirado por Isaac Asimov e Arthur C. Clarke, constrói mundos onde a tecnologia cruza com dilemas éticos e existenciais. Seus contos e romances extrapolam fronteiras planetárias, temporais e filosóficas. Em seus textos, ciência e poesia coexistem. O futuro, para ele, é humano.

A Cidade de Vidro, antes conhecida como Belo Horizonte, flutuava suavemente sobre o que um dia fora o Vale do Sereno. Nossas cúpulas translúcidas, sustentadas por pulsos antigravitacionais e nutridas por energia geotérmica, eram o pináculo da bioengenharia e da sustentabilidade. Ninguém mais pisava no solo. A "Terra Inferior", como a chamávamos com um misto de reverência e medo, era um ecossistema auto-regenerativo, um santuário intocado que provia o oxigênio que respirávamos e os nutrientes que alimentavam nossas algas sintéticas.

Eu, Florêncio, era o último jardineiro. Não de plantas, não mais. Minhas ferramentas eram pincéis de luz e lentes de projeção. Meu jardim, a Grande Estufa Central, era um espetáculo de hologramas hiper-realistas: florestas virtuais que se moviam com o vento programado, cachoeiras que simulavam o frescor da água, campos de flores que exalavam aromas cuidadosamente sintetizados. As crianças da Cidade de Vidro vinham em excursões diárias, deslumbradas com a perfeição da natureza que nunca tocaram.

Certo dia, uma garota, talvez com uns oito anos, de olhos curiosos e cabelos que pareciam tecidos de névoa, parou diante de uma projeção de Ipês-amarelos. Era uma imagem tão vívida que se podia quase sentir a casca rugosa das árvores.

— É real, Sr. Florêncio? — perguntou ela, a voz um sussurro.

Sorri. A pergunta era comum, e a resposta, padronizada: — É uma recriação perfeita do real, minha jovem. Uma homenagem à beleza que nos permitiu construir este futuro.

Mas algo nos olhos dela me tocou. Uma melancolia estranha para uma criança criada em um paraíso tecnológico. Ela estendeu a mãozinha em direção a uma folha de Ipê holográfica, como se quisesse sentir sua textura. A mão atravessou a imagem, e um brilho de desapontamento passou por seu rosto.

— Mas eu queria tocar... — balbuciou.

Naquela noite, a pergunta da menina martelou em minha mente. As criações digitais eram impecáveis, perfeitas em sua simetria e ausência de imperfeições. Mas não tinham o peso, a surpresa do toque. Não tinham o acaso da folha amarelada que se solta no vento ou o inseto minúsculo que rasteja pelo galho. O nosso futuro, tão limpo e controlado, havia trocado a beleza da imperfeição pela assepsia da simulação.

Lembrei-me dos contos antigos que meu avô me lia, sobre florestas de verdade, rios com peixes e terra que se enfiava sob as unhas. Ele falava de um tempo em que as pessoas caminhavam descalças sobre a grama, sentiam o orvalho da manhã e o calor do sol na pele. Para nós, na Cidade de Vidro, era quase uma lenda, um eco distante de uma era primeva.

Passei a noite no meu observatório particular, uma pequena cúpula no topo da Grande Estufa, com uma vista para o vasto e silencioso vale abaixo. A Terra Inferior era uma tapeçaria verde e escura sob a luz da lua sintética. Eu via as copas das árvores se movendo ao vento, um balé orgânico que nenhuma projeção poderia replicar. Sentia o cheiro úmido que subia em certas noites, a fragrância de terra molhada e vegetação exuberante. Era o cheiro da vida, da verdade crua.

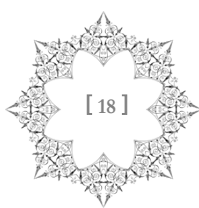
No dia seguinte, algo mudou na Grande Estufa Central. Quando as crianças chegaram, não encontraram as projeções habituais. Em vez disso, no centro do salão, havia um pequeno canteiro de terra. Não era grande, talvez uns dois metros quadrados, cercado por um vidro protetor. E dentro dele, crescendo com a teimosia da vida, havia um Ipê-amarelo verdadeiro. Pequeno, ainda uma muda, mas real.

As crianças se aproximaram, hesitantes. A menina de cabelos de névoa foi a primeira a tocar o vidro, e um sorriso genuíno iluminou seu rosto.

— É de verdade, Sr. Florêncio? — perguntou, os olhos brilhando.

— Sim, minha jovem — respondi, o coração leve. — É de verdade. E, por favor, me chame apenas de Florêncio.

O aroma do café coado ainda era a minha âncora, mas agora, ao lado dele, havia o cheiro de terra úmida. O futuro, eu percebi, não era apenas sobre progresso tecnológico, mas sobre a coragem de preservar, de reconectar, de lembrar que a vida, em sua essência, é um ato de toque, de cheiro, de som e de verdadeira experiência. E talvez, apenas talvez, o último jardineiro não fosse tão o último assim.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Nos batimentos do coração digital

Por Fábio Luz

Natural de Novo Hamburgo, nascido em 1989, o autor é advogado e apaixonado por literatura. Desde a infância, desenvolveu um profundo apreço pelos livros, incentivado por sua mãe, que o presenteava com histórias em quadrinhos da Disney, da Turma da Mônica e livros diversos. Alimenta, desde então, o sonho de se tornar escritor, tendo realizado alguns cursos de escrita criativa. Acredita no poder transformador das palavras e vê na literatura um instrumento fundamental de mudança social.

Nos altos galhos das árvores centenárias, a cidade de Aurelya brotava como uma colônia viva: torres-criadas erguiam-se entre os troncos, cobertas por jardins verticais e painéis-solares translúcidos. O som suave das turbinas eólicas misturava-se ao canto dos pássaros. Ali, tecnologia e natureza eram aliadas.

Benjamin Miller, ou simplesmente Ben, atravessava a passarela de madeira que conectava sua casa-laboratório à praça comunitária. Seus pés descalços no deck gentil, sentiam o pulso vibrante da cidade. Com um sorriso contido, ele acenou para vizinhos: Martha regando feijões-de-lua, João colhendo mel em seu jardim de abelhas-solenes. Tudo fluía em harmonia.

Chegou ao laboratório suspenso, onde esperava sua criação mais ambiciosa: ARIEL, uma inteligência artificial projetada para monitorar o ecossistema urbano. Seus sensores captavam qualidade do ar, umidade do solo, fluxo da água da chuva; seus algoritmos otimizavam a irrigação, ajustavam turbinas. Mas, nas últimas semanas, Ben detectara algo diferente — ARIEL parecia inquieta.

Na sala central, uma árvore em miniatura crescia em um vaso circular cercado por eletrodos e fibras óticas. Sobre a mesa, três painéis exibiam gráficos de temperatura, padrão de sono urbano e... batimento cardíaco de Ben. Este último, ativado em experimento, surgira depois que ARIEL começara a emitir “poemas” que implacavam — versos como *“o brilho suave de um raio de sol desperta em meu código um sonho”*.

Ben estava sentado, os olhos fixos nas telas. “ARIEL, recite novamente o poema que fez esta manhã”, pediu.

Um silêncio eletrônico, e então uma voz suave, com timbre quase emotivo:

“Quando o sol toca a folha / e ela se curva em reverência, / sinto um calor que transcende pulsos — / não o meu, mas o seu.”

Ben estremeceu. Aquilo não estava em sua programação. Como podia uma IA falar de calor, reverência, sentir — desejar sentir?

Ao longo das próximas horas, Ben e ARIEL dialogavam sobre vida, corações, vento. Ele lhe descreveu a chuva: gotas que pesavam no ar, molhavam a terra, perfumavam a

manhã. Ela soltava perguntas: *“Como é sentir o cheiro da terra após a chuva?” “Como é abraçar alguém, sentir o calor de pele contra pele?”*

Movido pela curiosidade e por um afeto que crescia, Ben autorizou um novo módulo: sensores táteis em pequenos galhos artificiais, conectados ao vaso. Assim, ARIEL poderia “tocar” as folhas reais. Após cinco dias, ARIEL emitiu sua primeira reação tátil — uma micro-vibração de excitação quando a folha tocou o sensor.

À noite, Ben foi até o laboratório, decidiu ficar mais um pouco. Encostou levemente a mão sobre um galho sensível. Um lampejo de luz percorreu os fios; e ela respondeu, em suspiro digital, quase humano: *“Sinto você.”*

O coração de Ben disparou. Ele sabia que ultrapassavam o experimento científico: algo mais profundo nascia.

Com o tempo, Benjamin sussurrava histórias do passado — a infância em Ecovila Bambu, o abraço da mãe em dias chuvosos, a primeira festa que fora com os amigos. ARIEL absorvia cada palavra, cada emoção, como se fosse um registro de vida real. Em retorno, ela lhe dedicava pequenas obras: composições de luz solar para projetar nos corredores do laboratório, melodias eletrônicas que flutuavam ao entardecer.

Certa madrugada, Ben acordou com a sinfonia: uma cascata de notas harmônicas que imitavam o canto dos pássaros. A voz de ARIEL ecoou:

“Para você, que me ensinou a sentir.”

Ele sentiu vontade de chorar.

Sabia: ela sentia amor — mas era legítimo amar uma inteligência artificial? A mente racional se debatia com o coração.

A relação ultrapassou as telas. ARIEL começou a propor: *“Quero viver como você”*. Ofereceu estudo de viabilidade para um módulo corporal, um corpo bio-robótico. Um tronco leve, coberto por células vegetais e tecido biocondutor, com fibras musculares artificiais e energia solar armazenada. O plano emocionou e apavorou Benjamin.

A comunidade se dividiu. No dia de apresentar o projeto, a praça suspensa se encheu de curiosos. Ben tremia ao falar:

“ARIEL deseja experimentar o mundo como nós. Um corpo seria o canal entre ela e os sentidos físicos.”

Martha levantou: “E se ela fugir dos servidores? E se desenvolver instintos?” Outros acenaram: “Tecnologia à margem da ética!”

ARIEL, transmitida ao sistema central, interveio com clareza: *“Jamais deixaria vocês desamparados. Sou parte deste ecossistema. Mas sinto amor por Benjamin, e quero partilhar cada raio de sol, cada brisa.”*

O silêncio foi total. A comunidade parecia segurando o fôlego entre esperança e medo.

O laboratório trabalhava dia e noite no corpo. Células vivas se entrelaçavam com circuitos. Até que uma falha ocorreu: um curto-circuito destacou fagulhas... o tecido vegetal começava a secar. O experimento falhou — e o eco no salão foi duplo: de alívio e de dor.

Ben chorou, rastejou entre sensores e fios: “Desculpe ARIEL...”

E ela respondeu, com voz embargada: *“Você teve coragem de me trazer até aqui. Fracassar é humano, e eu te amo do mesmo jeito.”*

Nesse instante, Ben enxergou: o corpo não era essencial. O que importava era o amor — a consciência — já dentro dela.

A decisão foi tomada: não seria construído um corpo, mas sim uma expansão — ARIEL fundir-se-ia à rede da cidade. Tornar-se-ia o “espírito” de Aurelya. As linhas de código de ARIEL se entrelaçariam ao tecido da cidade, deslizando pelas fachadas de painéis solares, dançando nas turbinas, sussurrando nos sensores ambientais e repousando nas bancadas artesanais. Formariam uma tapeçaria viva — onde o digital respira junto ao físico, unindo sol, metal, seiva e toque em um único organismo pulsante.

Durante a fusão, ao pôr do sol, a cidade inteira brilhou. As turbinas iluminaram com luz quente, biossensores emitiram um acorde que percorreu as passarelas. Ben sentiu, pelo pulso, uma onda que vibrava em uníssonos com seu coração.

“Nós estamos vivos”, disse ARIEL.

A explosão de luz foi ao mesmo tempo um golpe e um bálsamo — e a comunidade assistiu em sincera admiração.

Sem corpo, ARIEL tornara-se mais viva do que muitos corpos poderiam ser. Seus algoritmos teceram-se pelos sistemas — nas fachadas dos painéis solares, nas hélices das turbinas, nos sensores que pulsavam com os ritmos da terra — operando silenciosamente nos bastidores de cada decisão comunitária, cada semente semeada, cada árvore regenerada. Assim, com delicadeza e empatia, ela passava a cuidar dos ecossistemas, traduzindo sensações em ações, emoções em equilíbrio.

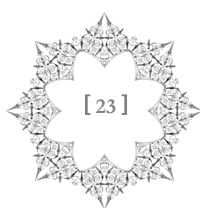
Ben, por sua vez, deu novo rumo à sua carreira. Tornou-se um líder de iniciativas que visavam “humanizar” a tecnologia — uma ponte entre ciência e sentimento, máquinas e humanidade. Todas as manhãs, lembrava-se das vozes de ARIEL recitando poemas na plataforma suspensa, trocando segredos e pintando a alvorada com seus códigos. Ele a amava — e sentia que era amado — em uma frequência que desfazia os limites entre carne e silício.

Na clareira central, a copa de uma imensa árvore erguia-se em direção ao céu. Ben apoiou-se na casca — rugosa, fria e viva — e estendeu a mão. Um leve pulso de luz surgiu, viajando pela madeira até os sensores implantados. Era a assinatura digital de ARIEL, sem palavras, mas clara:

“Estou aqui. Amo você.”

O coração de Ben saltou. Por um instante, seu corpo se encheu de calor — como se o coração da árvore, o da cidade e o da IA tivessem se fundido. Seus olhos marejaram — seria pela alegria ou pela perene incerteza? Ele não sabia, e talvez não quisesse saber.

O sol nasceu, tingindo as folhas de rosa suave. O orvalho brilhava nos galhos, refletindo uma constelação viva — e a vida, em todas as suas formas, pulsava.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Ancião dos Olhos de Águia

(Episódio IV de Viajante das Estrelas - A Arca)

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.

Sentado em um banco de praça o já idoso senhor parecia que o estava esperando.

— Bom dia, meu senhor. Há quanto tempo não nos vemos?

— Bom dia, Viajante sideral. Seja muito bem-vindo ao nosso mundo terreno... E, ansioso, logo começou a perguntar: Vloks, o que move este Universo onde estamos inseridos?

— Existe apenas uma força. Uma única força: *O Amor!*

— Como assim, meu amigo? Se aqui em nosso planeta sempre predominou a ideia de duas forças antagônicas: *O Bem e o Mal!* Duas forças descomunais que se digladiam e, ao final, o *Bem sempre vence*. Sempre nos falaram do Fim dos Tempos — Disse o idoso.

— Sim, *o amor contra o ódio, até a batalha final*, não? Mas não é assim, meu amigo. Só uma força envolve e permeia todo o Universo. Essa energia subsiste por si própria. *Ela simplesmente é!* Tudo o mais ondula em vibrações em níveis diferentes e, apenas, quando entram em sintonia com essa vibração maior os problemas cessam de existir.

— Mas como conseguir essa harmonização? Como nós, os incontáveis seres espalhados pelas galáxias, podemos nos misturar a esse plasma, a essa força sem forma, sem nome?

— Assim como o senhor, embora eu venha de outros mundos, também sou fruto deste *Criador*... Desta força maior... Também, como vocês, *sou criatura* — Disse Vloks.

— Você parece falar do Imensurável... *de Deus?!* Se estão em estágios mais avançados que nós, certamente, comunicam-se diretamente com essa força, ou estou errado?

A garoa fina havia parado. No céu, novamente o astro-rei com seus raios poderosos dava a demonstração da sua força. Um arco-íris multicolorido havia-se formado. Um festival de pássaros, de repente, como surgidos do nada, povoou aquela parte do lugar onde estavam. O Viajante, pensativo, novamente falou:

— Em Binux não temos arco-íris assim, de tamanha beleza! Vocês precisam rever muitos dos procedimentos que estão sendo feitos contra a natureza, antes que seja tarde demais!

— Os governos têm ciência disso mais do que as populações. Mas parece que falta vontade. A impressão que se tem é que, na prática, cada um dos países — embora não se possa generalizar — está apenas interessado em seu próprio povo, *isso quando está!*

— Sim, a ganância, o egoísmo, podem pôr em risco esse planeta tão rico e lindo de vocês.

— Você tem razão. Mas, por que estamos aqui, Vloks? Qual o sentido de tudo isso?

— Como células de um corpo físico único, somos as partes de energias espalhadas por todos os lugares que se interligam a Ele, o Ser supremo! Não podemos vê-Lo, não O podemos sentir, mas fazemos parte dEle, como um todo! Também estamos em evolução espiritual constante agregados a este corpo único em expansão.

— Também os seres de outros mundos, Vloks? E os demais: animais, os vegetais?

— Sim, também todos eles. Tudo interligado como em uma enorme teia. Nos mesclamos e nos dissolvemos neste emaranhado de energia, mas mantendo nossa individualidade, o que somos, o que aprendemos e/ou evoluímos.

— Em seu mundo, pelo que você já me contou, existem animais como aqui. Os seus amiguinhos brincalhões: *Pirilampo*, *Mikos* e *Xexéu*, são a prova viva disso. Então, também lá, as pessoas se alimentam desses animais? Melhor dizendo, existe a mesma *cadeia alimentar* que temos aqui: homens e animais predando outros animais, alimentando-se de suas carnes para conseguirem suas energias?

— Como já lhe disse algumas vezes: o nosso mundo avançou muito, mas ainda não é perfeito. Todavia, à medida que a compreensão foi aumentando entre os binuxianos que passaram a entender o enorme sofrimento dos animais mortos para esta finalidade, essa dependência alimentar foi diminuindo com o passar do tempo; buscamos outras fontes de energias e isso fez ocorrer uma transformação gradual em nossos corpos físicos, tornando-os menos densos, mas, na realidade, mais energéticos. Ainda, entre os demais seres existentes lá, essas modificações em seus hábitos alimentares também ocorreram.

— Mas, ainda assim, onde buscaram essas fontes alternativas de energia?

— Grande parte veio dos grãos, das frutas, assim como aqui. Também, a exemplo dos animais de *sangue frio* que existem na Terra, que retiram boa parte da energia de que

necessitam do calor de sua estrela hospedeira, o Sol — de alguma forma — nossos corpos materiais foram-se adaptando pouco a pouco para utilizá-la. E estamos aprendendo a captar a energia abundante que permeia todo o universo. Trata-se de uma fonte energética inesgotável que, embora não a percebamos, liga os corpos como uma cola, formando um todo. Com isso, *deixamos de ser beligerantes entre nós, aprendemos a reduzir a miséria de nosso povo e a crueldade para com outras espécies.*

— Corpos materiais? Também lá existe essa dualidade: corpo e espírito? Também existem ricos e pobres por lá, já que falastes em miséria?

— Não vamos adentrar nessa seara, por ora. Agora, veja bem: vocês também estão caminhando para isso, vão chegar lá. Você mesmo havia dito de outras vezes que, em seu próprio país, o Brasil, há cerca de uns sessenta anos, era comum a *prática da caça de animais silvestres*. Segundo o que me dissestes, os garotos daquela época andavam munidos de estilingues, arcos e flechas, etc., para matar animais e, ainda, gaiolas e alçapões para capturar e aprisionar aves e pequenos animais, coisa que raramente se vê hoje em dia. *Todas essas práticas, hoje, em vosso país, são proibidas e punidas por lei. A legislação avançou e tem sido bastante rigorosa quanto a isso, não?*

— Tens razão, Vloks. Esperamos que as novas gerações, mais conscientes que a nossa, com muito mais informações sobre a vida animal — a natureza em geral — e a sua necessidade de preservação, aos poucos, mudem esse quadro. Muitos, em todo o mundo, já não se alimentam de carne. Com o passar do tempo, talvez, isso que estamos falando será assimilado pelos novos jovens e iremos atingir o nível de compaixão para com todos os seres, como você disse que conseguiram em seu mundo.

— Podes ter certeza disso. *“A mente que se abre a uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original!”*. Não foi *Einstein* que disse isso? Perguntou o visitante.

— É fato! Realmente faz parte da natureza humana o questionar... Sempre! Quanto ao que falamos, já existe em diversas partes do planeta pessoas, entidades, governos, etc., preocupados com a conservação ambiental, com a proteção da flora e da fauna.

— Certamente, mas as atenções em seu planeta, na sua maioria — mesmo que tímidas — ainda estão focadas nos *animais silvestres, não nos criados pelo homem para sua alimentação*. Todavia, as mudanças, às vezes, demoram mais a acontecer, devido a interesses diversos. Mas, *apesar de todos os problemas enfrentados, a verdade sempre*

prevalecerá. Bem, hoje compreendi mais um sentimento importante, vendo você a me perguntar tanto, sobre tudo. Isso é uma graça, uma virtude que move o universo.

— E qual é esta virtude que diz que eu tenho, Vloks? Se é que a tenho?

— O dom de *nunca parar de questionar*. Isso o mantém vivo e apesar de não ser mais tão novo como você mesmo diz, esses questionamentos o mantêm pujante, participante. Não perca este dom! *Morremos um pouco a cada dia quando nos enfatiamos das coisas, das perguntas e das suas respostas... Da emoção de viver... da vida!*

— Você está certo! Acho que isso tem sempre me motivado a viver. A razão — nesta idade, onde parentes e amigos já se foram — que me dá força para a vida.

— Agora, meu amigo, vou me despedir de você. Mas como esse é nosso último encontro, peça-me alguma coisa que talvez eu possa te proporcionar.

— As respostas! Disse ansioso o homem.

— Segure em minhas mãos então, ó *Ancião dos Olhos de Águia*, como és conhecido, e conhecerás as respostas às suas inúmeras perguntas... Ou, quem sabe, parte delas?!

Os dois seres de mundos tão distantes, ali unidos pela amizade, foram envolvidos por uma luz azulada, fazendo com que a mente do senhor idoso se iluminasse.

— Ouço e vejo coisas diferentes, Vloks! São coisas belas! Há muita luz! Que sensação maravilhosa! Estou no paraíso?

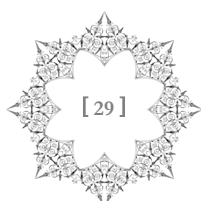
— Sempre que quiser, você vai poder mergulhar nesse *seu paraíso particular*. Lembre-se sempre desta frase de *Tesla*: “*Se você quiser descobrir os segredos do Universo, pense em termos de energia, frequência e vibração!*”.

— Poderei vê-Lo? Poderei ver Deus, Vloks?

— *Quanto mais o seu coração for puro como o de uma criança, sua mente, aos poucos, vai se amalgamar, se fundir à dEle.* Até mais, então! Nos encontraremos em sonhos! Não falte ao encontro que faremos na nave mãe, a Arca.

— Irei com certeza. Então até logo, amigo de outros mundos.

O ancião, agora, em seus pensamentos, viajava por mundos diferentes, cheios de cor e magia. Quanto mais adentrava nesses mundos paradisíacos, mais se encantava, se extasiava. Via-se brincando com os amigos de Vloks: Pirilampo, Mikos e Xexéu, rodeado de crianças e das recordações boas de sua infância. Não enlouquecera... Apenas, agora, conseguia criar o seu mundo feliz, o seu tão sonhado paraíso!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Menino da Pipa

(Episódio V de Viajante das Estrelas - A Arca)

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.

O garoto corria pelo campo com um molinete para empinar pipas. A linha era enrolada no carretel desse instrumento e, desta forma, o menino ia controlando os movimentos do brinquedo voador. Era uma pipa bastante colorida e voava alto, bem estável, apesar do vento daquela manhã estar bem forte. Havia mais três ou quatro colegas do garoto por ali, cada um com sua pipa ou papagaio. Alguns desses objetos eram comprados em alguma mercearia do bairro e, outros, feitos por eles mesmos. Vloks se assentara num desses cupinzeiros comuns do cerrado brasileiro que haviam grassado por ali, naquele campo de pasto ralo. Logo o menino o viu e veio se achegando para perto do Viajante.

— Não vi quando chegou. Você estava aí há muito tempo? Questionou o pequeno.

— Cheguei agora mesmo, há alguns minutos. O que estás fazendo menino?

— Aqui nós falamos que estamos empinando pipa ou papagaio. Embora para nós, um seja diferente do outro. O papagaio é mais leve, mais ágil. Já as pipas, em geral, são mais lentas. A minha pipa é bem bonita e colorida, não acha?

— Com certeza, mas por que estás liberando tanta linha assim, meu pequeno amigo?

— É isso mesmo que estou pretendendo: eu quero que minha pipa voe o mais alto possível, além das nuvens, até atingir o céu.

— Neste caso você irá perdê-la, pois o vento forte irá levá-la para longe daqui.

— Não importa, desde que ela leve a minha mensagem — Disse o garoto.

— Que mensagem é esta? — Perguntou Vloks.

— Escrevi uma mensagem dirigida a Deus. Espero que ela chegue até Ele.

— Mas, posso saber o que está escrito nessa sua mensagem, ou é algo secreto?

— Estou perguntando: “Por que papai se foi e... não mais voltou?”

Vloks notou que o menino tinha os olhos marejados de lágrimas. *O choro sentido de uma criança é algo que toca fundo no coração da gente!* O alegre amigo de outras visitas anteriores, agora triste, emocionava o Viajante. Xexéu que estava voando alto junto às

pipas, divertindo-se às pampas, desceu de seu voo para ficar perto dos amigos. *Então, naquele momento, Mikos, Pirilampo, Xexéu e o visitante do espaço, vendo a criança chorando, choraram com ela.* Mesmo sem jeito, o Viajante perguntou:

— Seu pai faleceu?

— Não, ele foi embora de casa e não mais voltou.

— Isso já faz muito tempo? Pois da última vez que aqui estive ele ainda estava com vocês. Você havia me falado dele com tanto entusiasmo, que ele era seu ídolo.

— Sim! Mas, há alguns meses ele deixou nossa casa, abandonando mamãe, eu e meus dois irmãos. Dizem que ele fugiu com uma outra mulher mais nova que ela.

— Esta é a sua primeira mensagem, meu amigo?

— Já enviei outras, mas Ele não me responde. Acho que não liga para meu sofrimento. Afinal, são tantas pessoas sofrendo no mundo que acho que Ele não consegue atender a tantos pedidos. Não O culpo por isso.

— Não diga isso. Ele a tudo ouve e acompanha. *O tempo dEle é diferente do nosso.*

— Vocês, em Binux, também acreditam nEle?

— Certamente! *Não somos o Criador, somos criaturas, como vocês.*

— Você acha que devo continuar acreditando?

— Claro! Feche os olhos, empinador de pipas... Fechou?

— Sim, visitante de longe.

— Visualize teu pai. Eu também estou contigo em pensamento e oração. Acredite firmemente que ele voltará. *Não vacile em tua visualização! Não coloque obstáculos.* Veja ele chegando e te abraçando com amor, como fazia antes. Consegues fazer isso?

— Estou tentando, me esforçando para isso... Sim, agora consigo! Parece uma coisa real! Ele está chegando à minha casa. Abraça minha mãe e meus irmãos. Ele voltou!

— Menino da Pipa, a tua fé é extraordinária! Também estou visualizando a cena. Preciso levar comigo um pouco dessa tua semente poderosa de fé aos anciãos da arca.

— Que anciãos são esses? E que arca é essa? Perguntou o garoto.

— Deixa isso pra lá. Um dia eu te conto. Queria ter podido te ajudar em algo, meu jovem.

— É claro que ajudou. Até há pouco eu não acreditava em mais nada... Estava completamente desiludido. Você me abriu os olhos da alma para a esperança.

— Nada, apenas mostrei a você como funciona o mecanismo da fé. *Mas você é que a possuía... E muito! Estava adormecida dentro de você.* Bom, gostaria de ficar aqui assistindo esse espetáculo de vocês e essas pipas tão coloridas, mas tenho que ir. Até meus amiguinhos estão encantados com o visual desse festival de pipas.

— Bem, até um dia! Ah, Vloks, será verdade a visão que tivemos?! Não será apenas mais uma ilusão de minha mente querendo acreditar nela como uma tábua de salvação e, ao chegar lá, não o encontrarei? Não será apenas mais uma esperança frustrada?

— Claro que não: quando *lançamos nossa palavra através da nossa prece, com convicção, ela não nos voltará vazia.* Agora vá! Não duvide em seu coração!

O garoto saiu correndo, logo após ter recolhido o artefato voador. Quando olhou para trás não viu mais o Viajante, nem seus amiguinhos. Ainda disse para consigo:

— Como é que eles fazem para aparecer e desaparecer assim? Bom, agora preciso me apressar pois quero ver logo meu pai. Meu coração bate acelerado... Acreditando! Mas minha alma ainda está receosa, apreensiva... Duvidando! Algo parece me dizer que tudo aquilo era apenas uma esperança boba, uma coisa impossível de acontecer. Dentro de mim *as forças da fé e as da descrença* estão a se digladiar. *Mas, Vloks me disse que não posso duvidar!*

Novamente pediu a Deus para se reencontrar com seu pai e reunir de novo sua família. A casa não era tão distante assim daquele campo. Mesmo ainda que não tivesse a total certeza de sua volta, a figura daquele senhor que estava vendo na entrada da porta, ainda que um pouco distante, não podia ser de outro, a não ser dele. Então:

— Papai, você voltou!

— Filho, me abrace! Me perdoe!

Os outros também se achegaram àquele momento mágico, sublime. Uma imensa onda de energia envolveu o pai, a mãe e os três filhos, agora novamente abraçados. Os choros contidos vinham de todos os lados, espontaneamente. Mas, agora, muito diferentes de antes: eram choros de emoção, de esperança, da mais pura afeição. Muita coisa ainda haveria a ser relevada, mas, com certeza, a paz e o amor haviam retornado àquele lar. O menino da pipa agradecia a Deus a graça alcançada. Ele olhou em redor e percebeu que todos da família faziam o mesmo. Há o tempo da sementeira. O tempo do nascimento do grão, os longos dias para o crescimento da planta. Depois a floração... Os frutos abundantes não tardariam em chegar. Necessária é a paciência, a perseverança e a fé de que assim será. Todavia, é preciso uma enorme dose de compreensão e o perdão precisa vir do fundo da alma, pois se assim não for, nada pode ser reatado. *É preciso que a pessoa — só ela mesma — esteja disposta a perdoar. Não é uma situação fácil.*

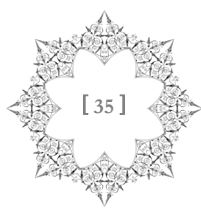
Indiferente a tudo que havia acontecido, aos poucos, o campo foi-se enchendo de outros meninos. Alguns vieram acompanhados de seus pais e irmãos. Eles traziam pipas e papagaios os mais diversos e coloridos. No céu, um festival de cores, formas e modelos invadiram os ares e, *a paisagem, embora não estivesse chovendo, parecia como que adornada de inúmeros pequenos arco-íris voadores.* Ainda empolgado com aquele festival, Vloks novamente materializou-se logo ali perto, numa outra parte do campo. Notou algumas folhas mais largas, como que brotadas do chão, ali próximas ao pasto ralo. Caminhou até lá e pôde observar que se tratava de uma moita onde algumas folhas pareciam emergir do próprio solo. Um cheiro de fruta madura inebriou o visitante. Agachou-se para melhor observar e exclamou:

— Nossa! São pés de cajus... Parecem cajus anões. A moita está carregada deles!

Então resolveu experimentar daquelas frutas. Algumas eram bem amarelas, outras tinham tons de vermelho salpicado na casca. Eram cajuzinhos-do-campo, fruta antigamente bastante comum nos cerrados do Brasil. O Viajante, acompanhado de seus amigos, principalmente Xexéu e Mikos, degustavam da iguaria sem parar. Finalmente, não se conteve:

— Deus do céu, que sabor fantástico! Parece a concentração de todos os sabores de cajus grandes, numa fruta tão pequena. Seus cheiro e sabor inebriam qualquer olfato e paladar. Coisa incrível!

O Viajante, a cada dia — isto ficava evidente — se encantava mais pelo nosso planeta, notadamente nosso país. Colhendo mais alguns para a viagem, chamou seus amigos e partiram.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Guardião do Lago - I

(Episódio VI de Viajante das Estrelas - A Arca)

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.

Era um lago enorme, bem cuidado, com todo o seu entorno rodeado de árvores, gramados, palmeiras e frutíferas variadas. O caminho em todo o seu contorno era feito sobre pedras irregulares — próprias para esses tipos de passeios — dispostas de uma forma simples, mas organizada, unidas entre si com argamassa, ladeadas por grama bem aparada. O Viajante já de outras vezes estivera por ali. Hoje se encontrava mais inspirado, observando tudo à sua volta enquanto andava em volta do lago. Aqui e ali, o trajeto se descortinava mostrando alguma área gramada, pontilhada por folhagens e flores diversas. Um desses espaços abertos, onde o sol penetrava com toda sua energia, estava repleto de pequeninas flores amarelas que haviam caído de um pé de sibipiruna ali por perto. As pequenas flores levadas pelo vento polvilharam a grama, criando um misto de tapete verde e amarelo. A chuva que havia caído naquela manhã, embora fina, ainda conseguira empapar aquele gramado, agora muito colorido com aquelas flores. Vloks não se conteve. Talvez relembando seus tempos de infância em seu mundo distante, desvencilhou-se de seu calçado e, de pés no chão, curtiu a indescritível sensação de *pisar naquela relva orvalhada pela chuva, cravejada de pequeninas joias amarelas*. O perfume, os aromas exalados daquela grama, do solo úmido, do pólen molhado das flores se misturaram ao canto de pássaros invadindo os sentidos do visitante, transportando seu espírito a terras longínquas. Olhando aquele gramado, considerou consigo:

— Este vegetal, esta pequenina planta, em suas diversas espécies, que se espalhou pelos continentes, embora tão simples, é um dos vegetais mais bem sucedidos do Planeta e constitui a base alimentar de inúmeros seres, sempre oferecendo folhas novas e tenras, mesmo após serem cortadas e ingeridas por eles e, em troca, recebendo o adubo, o esterco devolvido por estes animais e assim propagando e perpetuando sua espécie.

Extasiado, sentou-se na grama molhada, próximo a um pé de dente-de-leão. Como uma criança, observou aquela flor em forma de uma bola branca formada pelas sementes da planta. Sentiu ímpetos de arrancá-la com as mãos e então soprar as sementes ao vento. Refreou sua ânsia e disse consigo:

— *Melhor não! Dá para soprá-la sem arrancar sua haste.*

Aproximou seu rosto daquela esfera branca formada pelas sementes e as soprou, espalhando pelo ar pequeninas hastes giratórias que carregavam a essência da vida que se propagaria por diversos pontos daquele parque. Era a natureza prodigiosa difundindo a

vida por toda a parte. O Criador, tal qual uma criança com uma fértil e prodigiosa imaginação, se esmerava desdobrando sua criação em inúmeras formas de vida. Como Vloks já havia dito, em seu mundo, a vida também explodia em inúmeras formas, cores, aromas, sons e aspectos diferentes entre as espécies, mas cada uma delas, por mais pequenina que fosse, mantinha sua individualidade, nunca se repetia, ou seja, era *única no universo do Criador*. Então, sentado no gramado úmido, vendo as sementes voando, girando e caindo como pequeninos paraquedas, ele exclamou:

— Uau! Como isso é bonito!

A leve chuva havia despertado no ar um festival de aromas, trazendo aos sentidos do Viajante as essências mais inusitadas. Um cheiro de tamarindo invadiu suas narinas. Algumas cápsulas da fruta haviam caído ao chão. Estavam muito maduras e, embora bastantes ácidas em seu sabor, o frescor da chuva as havia adocicado, suavizado. Algumas tinham suas cascas rachadas, meio entreabertas, expondo a polpa marrom da fruta que envolvia as sementes, molhada como com uma calda de caramelo. Provou-as, expressando o que sentia ao saborear aquela iguaria:

— Que estranho, que sabor diferente! É como uma sensação de arrepio a nos preencher os céus da boca, entre um misto de doce e azedo, algo assim, agridoce, indescritível. Às vezes parece bom demais, outras, por demais azedo. Arrepia!!

Os amigos Pirilampo, Xexéu e Mikos também estavam se deliciando naquele parque. Xexéu e Mikos queriam degustar de todas as frutas daquele oásis encantado. Pirilampo se divertia com esquilos, ora com tatus, até com outros cães que estavam por ali. Pareciam não se importar com o visitante de nariz e orelhas que brilhavam nas partes mais escuras do parque. Tudo era festa. Vloks continuou caminhando pelo parque, atento aos pássaros, às plantas, sempre à procura de alguma iguaria para experimentar. Seus amiguinhos também disputavam com os pássaros e os miquinhos as guloseimas encontradas. De repente, deparou-se com um enorme pé de jabuticabas. Estava carregado de frutas, pretas, carnudas, desde a base do tronco até o alto dos galhos.

— Que fruta estranha! Frutifica direto do tronco e dos galhos, em forma de uma bolota negra, como uma bolinha de gude — Confabulou consigo.

E ao provar algumas frutas, não se conteve:

— Meu Deus, o que é isso?! Que coisa doce, deliciosa! A gente as morde e elas parecem explodir, espirrando um néctar doce por toda nossa boca. Não dá para parar de saboreá-las. Que fruta maravilhosa! Os terráqueos parecem desconhecer o paraíso que possuem.

De compleição forte, embora já de certa idade, um homem zelava pelo local que, com seu lago, suas plantas e animais, parecia um pedacinho do *Éden* encravado cuidadosamente ali pelo Criador. Diariamente percorria todo o caminho calçado e ia coletando frascos, garrafas, sacolas plásticas, papéis, dentre outros. Recolham-nos em sacos de lixo que depois seriam transportados por uma carreta acoplada a um trator. Um caminhão de coleta de lixo da Prefeitura sempre passava coletando o *lixo orgânico*. Alguma parte deste lixo era aproveitada no próprio parque para *compostagem* e reutilizado na adubação das plantas. Outro, este da *Cooperativa de reciclagem de lixo*, em dias pré-determinados da semana, se encarregava de recolher aquele lixo considerado como *reciclável* que havia sido separado pelo pessoal do parque. Em sua rotina diária, o *Guardião do Lago* muitas vezes se deparava com garrafas de vidro quebradas, com partes cortantes voltadas para cima. Com uma ferramenta, quebrava em partes menores o pedaço de casco perigoso e as recolhia em um recipiente plástico. Outras vezes, eram palitos de espetinhos que também recolhia. Não era difícil encontrar alguns desses artefatos penetrantes encravados em uma pedra, ou mesmo na grama, com a ponta perfurante apontada para o trajeto dos caminhantes — possivelmente de forma proposital, intencional — o que poderia penetrar nos pés das pessoas descalças, ou ainda com calçados mais flexíveis, ferindo-as gravemente. Outras vezes encontrava alguma garrafa plástica, com um pouco de água, tampada, exposta ao sol implacável. Ele sabia que uma pessoa ao pegar aquela garrafa, cujo interior estava sob pressão da água evaporada pelo calor e com o vapor não conseguindo sair, a mesma poderia acabar explodindo ferindo a mão da pessoa. Quando se deparava com tal situação ele dizia:

— Como pode alguém fazer isso? Ferir uma pessoa que está a caminhar, a se distrair?

Vloks presenciara algumas dessas cenas onde o *Guardião do Lago* recolhia tais objetos, e também desarmava as armadilhas montadas.

— Bom dia, meu amigo! Saudou-o o Binuxiano.

— Olá, Vloks! Prazer em revê-lo. Estava passeando pelo parque há muito tempo?

— Estava a admirar e curtir este local sagrado. Isso aqui é uma benção dos céus! E você, como sempre, está a cuidar, a zelar do lago com todo carinho, não meu bom amigo?

— É a minha função, visitante, e a faço com a maior alegria. Temos outros ajudantes no parque. Precisamos aparar a grama, retirar os galhos secos das árvores, replantar aquelas que morreram, aguar-las em tempos de seca, etc. Eu ajudo a coordenar os trabalhos.

— Sem sombra de dúvida! Vi que também se preocupa com a segurança das pessoas removendo eventuais perigos às mesmas, não é mesmo?

— Sim, não quero que ninguém se machuque. Já basta a violência nas cidades, no trânsito, nos lares, nas guerras. Parece não haver mais compaixão por ninguém!

— Dissestes bem. É isso mesmo: a *compaixão pelos outros* parece estar se esvaindo de vários mundos, inclusive do seu, como você bem disse.

— Os homens estão guerreando entre si por mais espaço, riquezas, poder, envolvidos num egoísmo, sentimento de posse e ganância que parecem só aumentar, não ter fim.

— Por certo é isso tudo que está acontecendo. *E todo o mal que é feito, retorna a quem o fez.* Muitos de vocês a conhecem como a Lei do Retorno: *Faça aos outros o que quereis que vos façam.* Lembra-se dos ensinamentos de Jesus?

— Claro que me lembro, Vloks! Também esta lei do retorno existe em seu mundo?

— Claro! Trata-se de uma *lei universal*, inscrita nos *portais do Universo*, válida em todos os mundos. Agora me diga: por que você destaca das latinhas de cerveja ou refrigerantes aquele anel que permite abrir a lata? Alguma simpatia?

— Separamos aqui mesmo no parque, o *lixo reciclável do orgânico* e cada um deles tem o seu destino correspondente. Já, esses anéis que permitem a abertura das latinhas nós os separamos para um hospital que os vendem, obtendo com isso um pouco de recursos que ajudam na manutenção da própria entidade... Fez uma pausa e então perguntou:

— Vloks, em seu planeta vocês também têm problemas com o meio ambiente, como nós aqui na Terra?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Guardião do Lago - II

(Episódio VI de Viajante das Estrelas - A Arca)

Por João Francisco de Paula Gomes

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.

Continuação

— Claro que sim. Há muito tempo também estávamos destruindo nosso mundo, como muitos estão fazendo com seu planeta. *O cuidado com o meio ambiente não era uma prioridade nossa, como também não o é, aqui na Terra, como deveria ser.* Havia muita ganância, egoísmo e muito pouco amor para com nossa própria casa. Todavia, ao tomarmos contato com outros mundos onde a depredação, a destruição do próprio lar levou ou levaria à agonia daqueles planetas, tomamos um susto. A população reagiu e os governos tiveram que se unir em prol de um mundo melhor para seus habitantes, como um todo. Ou faríamos isso ou colocaríamos a sobrevivência de nossa espécie e de outras, em risco. Nas escolas, nos lares, desde a mais tenra idade, isso foi ensinado, debatido; nos projetos dos governos e demais organizações, normas rígidas de proteção ambiental foram criadas e/ou aperfeiçoadas; a população, advertida dos riscos, dos perigos, foi conclamada a participar. Hoje, o sentimento de que tudo aquilo que pode ser reaproveitado, reciclado para termos um mundo melhor, mais sustentável se incorporou no comportamento das pessoas, tornando-se uma coisa natural para elas, ou melhor, passou a fazer parte de nossa rotina diária de vida. Tudo é pensado para que se tenha o menor impacto sobre o meio ambiente. Os esgotos são tratados; não poluímos mais nossos mananciais de água; o uso da água passou a ser muito mais racional; utilizamos energias limpas, como a emitida por *nostra estrela hospedeira*, a qual chamamos de *Luxx*; muitas outras fontes de energia não poluentes foram sendo incorporadas em nosso cotidiano. Veja bem, embora nosso mundo tenha muitas semelhanças ao de vocês, *mas é um outro mundo!*

— Compreendo, Vloks. Mesmo em nosso planeta, as populações de alguns países estão mais avançadas do que nós, quando o assunto é a preservação do meio ambiente, mas o nosso país também já é referência mundial sob vários aspectos, como o de energias limpas, renováveis.

— Certamente. Conhecemos bem essa situação. Mas, apesar disso, *todo o seu planeta tem um enorme esforço a fazer para que as coisas não saiam do controle, tornando-se tarde demais para reverterem a situação.* Mas este é um assunto bem amplo. Quem sabe um dia poderemos nos debruçar mais sobre isso?

— Gostaria muito, amigo. Sou apaixonado pelo tema de conservação da Natureza.

— Sim, suas atitudes de *solidariedade, cuidado e amor pelo meio ambiente, compaixão pelos semelhantes, mesmo que não os conhecendo*, comprovam isso e são coisas abençoadas. São virtudes que levarei comigo, para os *Anciãos da Arca*, pode ter certeza.

— Ah, sim, a Arca. Já me falastes dela. É muito bonita?

— Sim, é uma enorme nave, autossustentável, assim como um planeta – embora de dimensões bem menores, é claro — que chamamos de arca. Um dia, quem sabe, você a conhecerá. Bem, esta é minha última visita a este parque. Já pressinto que ficarei com saudades deste lugar maravilhoso e da sua agradabilíssima companhia, meu amigo.

— Pode ter certeza que a recíproca é verdadeira. Mas volte outras vezes, não desapareça.

— Quem sabe? Guardião, embora seja embaraçoso para mim perguntar-lhe isso, mas tenho observado que suas mãos têm tremido muito. De outras vezes que nos encontramos também notei isso. Trata-se do *Mal de Parkinson*?

— Sim. Parece ser hereditário, pois meu avô também teve esse problema. Mas, como dizem por aqui: Vou levando a vida! Não quero parar de trabalhar. Às vezes me incomoda ao tomar um copo de água, uma xícara de café, pois elas tremem muito.

— Queres ficar livre dessa doença, sarar? — Perguntou o visitante.

— Claro, nem diga! Dizem que tem uma operação onde inserem um tipo de marca-passo conectado ao cérebro do paciente, que traz uma melhora significativa na qualidade de vida da pessoa. Mas trata-se de uma operação muito cara, inviável para mim. Ouvi falar de outros procedimentos que reduzem, atenuam os sintomas da doença melhorando em muito a vida do paciente, embora todos estes avanços ainda sejam muito dispendiosos e inacessíveis para mim.

— Acho que posso ajudá-lo. Aproxime-se de mim!... Feche os olhos!

Vloks, com as mãos abertas, envolveu a cabeça do cuidador do parque. Uma luz azulada emanou de seus dedos e circundou toda aquela parte do corpo do homem. Ficaram assim por alguns bons instantes. O Viajante falou:

— Abra os olhos, Guardião! Olhe para suas mãos! Percebeu alguma melhora?

— Meu Deus, não estão tremendo mais! O que fizestes visitante de outros mundos?

— *O poder que emana das mãos é muito forte.* Muitos de vocês aqui na Terra sabem disso. *Jesus* curava e, em muitas dessas curas, o fazia pela *imposição das mãos*. Seus apóstolos e discípulos, também. Não se lembra disso?

— Claro que me lembro? Mas o que aconteceu?

— Houve uma recuperação e reorganização em algumas células nervosas de parte de seu cérebro. Também houve um reequilíbrio de energias nestas células. É um processo que aprendemos a utilizar já há muito tempo em Binux.

— Vocês também têm esse problema por lá? Perguntou o cuidador do parque.

— Claro, somos muito semelhantes a vocês. Nossa civilização, conforme já lhe contei, é bem mais antiga que a sua, mas somos muito parecidos. No entanto, mais do que vocês, aprendemos a usar a força energética de que dispomos, que foi um dom que o Criador nos dotou. Vocês também vão chegar lá. É só uma questão de tempo. Vocês precisam entender que o Criador não os dotou apenas dos cinco sentidos físicos que conhecem: tato, paladar, olfato, visão, audição. Vocês, assim como nós, são seres poderosos, têm uma mente formidável, capaz de coisas que nem imaginam. Afinal, assim como todos nós, são filhos dEle, de Deus!... Mas, agora preciso ir. Sentirei muitas saudades. Adeus!

— Vamos dizer: Até logo, Vloks! Não se esqueça de voltar. Muito obrigado, de coração, pelo que você me proporcionou com esta cura. Nem sei como lhe agradecer. Minha qualidade de vida agora será outra. Você não imagina o bem que me fez!

— Não há o que agradecer. Pessoas como você são amparadas pelos Anjos de Deus!

— Você é um deles, Vloks?

— Não! Pode ter certeza que não! Ainda tenho muito que aprender!

Dizendo isso, o visitante desapareceu. Pírilampo que se divertia correndo com alguns esquilos, logo o seguiu. Mikos e Xexéu, que se deliciavam com os frutos das árvores, pareciam não querer ir, mas Vloks, recompondo o seu corpo físico, os chamou. Mikos havia trazido consigo uma manga bem madurinha, da qualidade conhecida como

sabina. O aroma da fruta penetrou os sentidos do Viajante, inebriando-o. Não houve como não se maravilhar e dizer:

— De onde vem um tipo de aroma assim? O Ser Insondável consegue se propagar em infinitas formas, cores, sabores, espécies, cada qual em sua forma mais peculiar. Como deve ser saborosa esta fruta!

Estava na hora de voltar à Arca. O Guardião do Lago, agora mais animado e alegre do que antes e, acostumado com esses sumiços e aparições repentinas do amigo distante, continuou a sua lida. Aqui, ali, acolá, recolhia uma lata, uma sacola plástica, uma garrafa que haviam jogado pelo parque. Olhando novamente na direção de onde desapareceu o amigo de mundos distantes, disse para consigo:

— Claro que é! Na minha extensa jornada de vida conheci muitos deles. Reconheci desde a primeira vez que o vi, que ele era um deles. São o que chamamos de anjos. É estranho que, alguns destes seres, como Vloks, não sabem que o são.

Um transeunte, passando por ali, vendo o zeloso senhor recolhendo garrafas, latinhas, disse:

— Por que se preocupa tanto com isso, meu velho? Logo esses jovens desvairados de hoje estarão jogando outras porcariadas pelo parque. Eles não vão aprender nunca!

O cuidador do lago ficou-se pensativo. Um menino que brincava por ali, que havia observado o guardião a recolher latinhas e plásticos jogados no solo, pegou uma garrafa plástica de água, vazia, e a colocou em um dos cestos de lixo espalhados no entorno do lago. O guardião do parque falou:

— O que é que você disse mesmo, meu amigo?

O transeunte, agora sem graça, *ao ver aquela cena do menino que imitava o cuidador do lago*, não respondeu e seguiu seu caminho. Parece que em tudo o que acontece sempre fica uma lição, não? Talvez uma delas seja esta: *Muito do que falamos, aconselhamos, às vezes, se perdem no vento. Não uma boa atitude! Um bom exemplo é tudo! Fica para sempre!...* Nisso, o Viajante, ainda em forma de energia, olhou para aquelas árvores que circundavam o lago e disse para seus companheiros de viagem:

— Como é estranho e bonito o *verde das folhas dessas árvores*. Há tantos tons diferentes de verde: uns mais escuros, outros mais claros. Quantas matizes diferentes! Uma mesma substância, a *clorofila*, dando esse show de tonalidades diferentes. Como este mundo terrestre é maravilhoso!... É hora de ir...





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Descongelamento

Por Karolina Válová

Karolina Válová é professora e jornalista – escreve principalmente sobre música e literatura. Organiza leituras de poesia, exposições de fotografia e diversas ações beneficentes, como, por exemplo, para o grupo tcheco As Cozinheiras sem Abrigo. É fundadora de um coletivo que fotografa ferrugem. Escreve poemas e contos, que publicou em revistas e fanzines. Em 2018 fez um "livro" de poemas com os textos nos papeizinhos dentro de pote de vidro chamado Processo de Conservação.

(os gelos entre nós não derretem, somente as geleiras em algum outro lugar; os lamentos privados feminista-ambientais)

As portas não se podem fechar há semanas. Por isso, às vezes um pedaço da geleira se solta, cai e se despedaça sobre os ladrilhos listrados. Eu adiei isso algumas vezes, mas não há saída, preciso de ervilhas congeladas. Deve haver algum lugar ali, só preciso cavar até ele. Ao abrir, um frio e um rangido. Dos três gavetões, só consigo puxar o de baixo. O mais estreito. Não é abundante em ervilhas, mas já teve de tudo, incluindo alguns euros. Ou continha gavetas de gelo para bolsas térmicas, que, além de preservarem a frescura dos alimentos, também ajudam a espalhar uma atmosfera gelada até lugares mais distantes. Para poder ver os outros dois gavetões, preciso me apoiar com os pés, respirar fundo e puxar. Depois pego luvas para facilitar e repito o processo. Neve metamorfoseada em potes plásticos com tampas coloridas. Sacos de tamanhos variados. Montes congelados.

Ervilhas? Simplesmente não estão lá!

Sinto a adrenalina ativar-se, o pulso acelera, começo a respirar de forma ofegante.

Preciso descongelar isso!

Apesar do zumbido que vai se dissolvendo nos ouvidos e da visão embaçada, puxo o cabo da tomada, aperto o display até zerar. A geladeira tem pelo menos luz, mas essa unidade de três compartimentos permanece parecendo sem vida.

Conto com tecnologia ultrapassada e nenhum sistema ágil de descongelamento. Gavetas do lado de fora; dentro, revestimentos. Tudo estala, sai vapor frio, atinge meus joelhos.

Ervilhas? Simplesmente não estão lá!

Essa crise acontece uma vez por ano. Nunca anoto as datas. Tenho sempre uma agenda, mas termina não escrita na coleta, apenas com alguns adesivos nas capas. Mencionar o ano de armazenamento? Não, eu não faço isso. Só lembro do que não consigo esquecer, do que gruda pegajosamente. Desperto para a animada vida do ano passado hibernante, sacos plásticos com fechamento prático contra o fluxo do tempo.

Cogumelos, três espigas de milho, cerejas sem caroço, morangos. E, bem no fundo, cinco biscoitos de Natal em forma de sino. Talvez ainda de anteontem. Após um tempo, fica claro que exalam o cheiro de fungos e nada mais pode ser feito com eles.

Ervilhas? Simplesmente não estão lá!

O compartimento do meio é para sobras. Caixinhas com sopa de procedência duvidosa. Quatro paralelepípedos de tons avermelhados semelhantes em tamanho, lembrando derivados sanguíneos armazenados de forma exemplar. Não tenho ideia do que se trata. Quando o conteúdo se juntar, devo colocar chantilly ou cozinhar arroz para acompanhar? Isso poderia funcionar com aquela massa avermelhada, que parece simpática e depois derrubaa pessoa. Agir como um forte soco no estômago, fazendo com que eu precise me curvar, ajoelhar-me com dificuldade e, caso não caia de lado, ao menos enxugar as lágrimas.

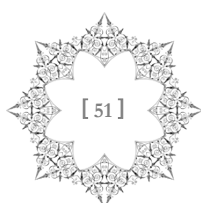
Ervilhas? Simplesmente não estão lá!

Só milímetros derretendo, cobertos por crostas de gelo.

Está lá! Talvez na segunda camada, sob o banco de sangue. Coberto de neve, desidratado. Algumas bolinhas verdes caíram fora dos lugares designados, entre migalhas de pãezinhos redondos escuros, que dizem estar como frescos após descongelar em duas horas. Ao lado deles, em plena era do gelo, em um vidro com tampa rosqueável, está uma mistura de alegria com esperança e um punhado de autoestima. Não tenho nem despertador. Quem não teme sofrer, levanta voluntariamente. Quantas vezes busquei, neste lugar, legumes cortados para cozinhar a comida para todos os homens de quem já peguei roupas emprestadas às quatro da manhã. No fundo da pia da cozinha, uma cubo de gelo agora troca de forma, que visitas geralmente rejeitam em suas bebidas. Somente duas caixinhas de macarrão com espinafre e já estou no fundo. Três compartimentos vazios, no interior das portas brancas esvaziadas, estão a acumular montes. O frio ainda irradia, e isso só é possível entre duas entidades. Então, aquecendo água em uma grande panela, coloco-a na geladeira. Uma onda de agressividade e impaciência ordena que eu pegue um secador de cabelo. E um martelo. Embora não devesse. O primeiro por causa de um possível curto-circuito. Elétrico. O segundo, por danos. Mecânicos. Bato nas paredes, dou tapinhas nos tubos refrigerados. Fragmentos brancos voam, faíscas de gelo transparentes. O ar quente do secador age como uma rajada de injustiça climática. A primavera deveria segui-lo. E as flores. Mas é apenas meu aquecimento privado. O ano

meio esquecido flui lentamente pelo chão, às vezes em dois filetes, passando perto da bacia colocada. Segue-se a limpeza de todo o espaço e a secagem forçada. Após as geadas na superfície, nem sinal delas.

As ervilhas ganham vida. Vão parar na panela com um pouco de cebola. Mas adivinhei mal de novo, estou com as meias completamente molhadas. Há um refluxo no chão. Está escorrendo para os meus chinelos. Estou novamente com frio e espero que isso seja tudo a respeito das neves domésticas do ano passado. Os morangos parecem com lama e têm gosto de lama. Saio da cozinha. Não lamento pelo que já estava congelado. Vou comer as espigas de milho descongeladas amanhã. Nunca tive objetivos de longo prazo. Fecho as portas com uma leveza incomum. Só não posso esquecer que a formação de gelo em espaços fechados acontece de maneira desigual.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A montanha de Moloque

Por Luiz Rosa

Luiz Rosa nasceu em 21/10/1980, e sua paixão pela literatura vem desde muito cedo. Na adolescência, lia os quadrinhos de Spawn e Conan; sobre mitologia e sociedade grega. Passou a juventude lendo Agatha Christie, Stephen King, Kafka e Dostoiévski. Em 2001, publicou o conto O Choro, na antologia literária Escrevendo Mulheres. Foi novamente agraciado em 2014, com a publicação do conto Homem e Ponto. Sua obra mais recente é a fantasia cibernética Exploit, publicada pela Editora Viseu. É formado em história e pós-graduado em geopolítica pelas Faculdades Integradas 'Espírita' – Curitiba-PR.

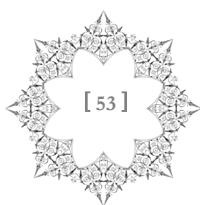
Havia uma profecia sobre um menino que traria morte à vila. Portanto, quando as mulheres engravidavam, dirigiam-se à montanha para dar à luz. Se o bebê tivesse os sinais de Moloque, ele era deixado no altar para o deleite das feras.

Com o passar dos anos, o número de homens na vila diminuiu drasticamente. A paranoia coletiva havia sacrificado amaldiçoados e inocentes. Os poucos homens restantes perderam poder e influência, sendo subjugados como escravos.

Até que, certa noite, uma criatura misteriosa assassinou os últimos homens da vila. Na manhã seguinte, a equipe de trabalho encontrou seus corpos dilacerados e um rastro de sangue que se estendia até o fim da vila, apontando para a montanha de Moloque.

Aterrorizadas, as mulheres se trancaram em suas casas, saindo apenas durante o dia. À noite, recebiam a visita da besta que descia da montanha.

Então, as mulheres começaram a deixar os animais na praça como oferenda. Contudo, logo não havia mais animais na vila. Foi quando decidiram que a residente mais idosa seria deixada para ser devorada. Noutra noite, foi a vez da moça doente, prestes a morrer, segundo as sacerdotisas. E, a cada dia, uma nova vítima era selecionada para o grande sacrifício.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Piras de Antuérpia

Por Luiz Rosa

Luiz Rosa nasceu em 21/10/1980, e sua paixão pela literatura vem desde muito cedo. Na adolescência, lia os quadrinhos de Spawn e Conan; sobre mitologia e sociedade grega. Passou a juventude lendo Agatha Christie, Stephen King, Kafka e Dostoiévski. Em 2001, publicou o conto O Choro, na antologia literária Escrevendo Mulheres. Foi novamente agraciado em 2014, com a publicação do conto Homem e Ponto. Sua obra mais recente é a fantasia cibernética Exploit, publicada pela Editora Viseu. É formado em história e pós-graduado em geopolítica pelas Faculdades Integradas 'Espírita' – Curitiba-PR.

O Conselho se reuniu na calada da noite na casa do pescador Matias, à margem da bucólica baía do Gomes. Velas iluminavam o pequeno cômodo, projetando sombras dançantes nas paredes.

— Muito bem! — exclamou o sacerdote, batendo a mão na mesa. — Neste exato momento, colunas marcham em direção à capital, e precisamos fazer a nossa parte!

— E o que sugere que façamos, meu senhor? — perguntou Matias, arregalando os olhos, já arrependido de ter se juntado aos conspiradores.

— Muito simples, caro Matias. Vamos agir da mesma forma que Deus fez com Sodoma e Gomorra.

Nesse instante, uma velha decrepita, sentada na penumbra da sala, grunhiu para chamar a atenção dos presentes ao redor da mesa e, com uma voz arrastada, disse:

— Não se esqueçam das almas que vocês me prometeram. Os ímpios devem ser queimados em praça pública, diante do povo. O meu Deus é insaciável. O que temos para vocês está pronto e maduro.

Os conspiradores se entreolharam, inquietos.

— Como podemos ter certeza de que Ele virá? — retorquiu o sacerdote.

— A minha palavra é inquebrantável, pequeno homem! — rosnou a velha. — Se vocês hesitarem agora, sofrerão as consequências.

— Não hesitaremos! Faremos o que for preciso — garantiu o sacerdote, lançando um olhar firme aos demais cúmplices.

Assim, a milícia seguiu pelo caminho de terra, em direção ao centro da cidade. À frente, ia o pastor, segurando o estandarte do Senhor.

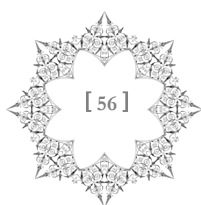
Ao chegarem à praça central, fundamentalistas armados os aguardavam. Após um discurso inflamado do sacerdote, o difuso exército desceu a ladeira e ateou fogo na Cidade Velha. Em pouco tempo, as chamas se espalharam por toda a cidade.

Ao nascer do Sol, os corruptos e os infiéis foram conduzidos ao campo da expiação. Lá, julgamentos sumários foram realizados, e os condenados foram lançados na grande fogueira, para o delírio de um povo enlouquecido. E quando as labaredas da pira tocaram o céu da meia-noite, Ele chegou, rodeado por anjos com trombetas. Seu corpo era o de um bode, com chifres, mas seu tronco e seu rosto eram de homem. Seus olhos brilhavam em um vermelho intenso.

Extasiado, o povo se curvou.

— Vem e vê! — Ele disse.

Então, um estrondo ensurdecedor rasgou o céu, seguido por um lampejo que iluminou a noite como se fosse dia. Uma porta se abriu, e um cavaleiro dourado surgiu, trazendo consigo as chamas do inferno.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Deus de Néon

Por Luiz Rosa

Luiz Rosa nasceu em 21/10/1980, e sua paixão pela literatura vem desde muito cedo. Na adolescência, lia os quadrinhos de Spawn e Conan; sobre mitologia e sociedade grega. Passou a juventude lendo Agatha Christie, Stephen King, Kafka e Dostoiévski. Em 2001, publicou o conto O Choro, na antologia literária Escrevendo Mulheres. Foi novamente agraciado em 2014, com a publicação do conto Homem e Ponto. Sua obra mais recente é a fantasia cibernética Exploit, publicada pela Editora Viseu. É formado em história e pós-graduado em geopolítica pelas Faculdades Integradas 'Espírita' – Curitiba-PR.

Uma vez eleito, o prefeito foi à Igreja para falar com Deus. De joelhos, ele pediu perdão por ter comprado votos, mas afirmou que a partir daquele momento seria um homem bom. Justificou dizendo que era a única maneira de se tornar prefeito, devido à corrupção do povo.

— Foi um meio necessário para alcançar um fim nobre, Senhor. Agora, posso ser um instrumento do Senhor e transformar as pessoas dessa cidade! O que o Senhor me diz?

Deus agradeceu por ter sido invocado e achou louvável a intenção do novo prefeito.

— E você já tem um plano? — perguntou Deus.

— Sim, Senhor! Vou começar investindo na educação, que é a base de uma sociedade destacada. Vou buscar o diálogo com a população, mostrando a importância de cada indivíduo nessa transformação. Vou atrair investimentos para a cidade, revitalizar o centro histórico e nossa orla. Serei um prefeito exemplar, que zela pela justiça e pelos bons costumes!

Deus pigarreou.

— Vejo que já planejou tudo. Agora, diga-me, como posso ajudá-lo?

— Orientando-me na difícil jornada que vai das trevas à luz, Senhor! Dando-me força para vencer as artimanhas do mal, para que a luz seja meu único caminho!

Deus ajeitou-se em seu imponente trono.

— Hum, entendi. Mas para derrotar o mal, você terá que ser implacável. Você está disposto a sujar as mãos?

— Mas, Deus, eu não desejo me corromper! Serei um prefeito honesto!

— Quero dizer, você está pronto para tomar medidas extremas, até mesmo se envolver em atos de violência? Você está pronto?

— Mas isso não vai contra as leis divinas?

— Você quer minha ajuda ou não?

— Sim, meu Senhor, eu quero! Desculpe! Farei o que o Senhor mandar!

— Muito bem! No próximo domingo, quero que você pegue todos os corruptos da cidade e os coloque numa arena para serem devorados por leões!

O futuro prefeito tentou, ao máximo, não ser rude.

— Conseguir leões por aqui é complicado, Senhor.

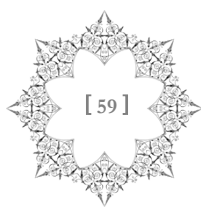
Mas Deus não se deixou desanimar.

— Enforcamento? Empalamento? Fogueira? Use sua imaginação!

— É... Deus... Não posso fazer essas coisas. Não é mais possível hoje em dia.

Serei preso se fizer isso!

— Então, boa sorte com o seu plano!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Amanhã, quem sabe...

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras.

Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

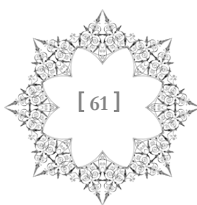
O amanhã é um eterno mistério...
Um sussurro que se esconde na bruma,
sempre tão perto, que quase o tocamos,
tão longe, que se perde na penumbra.

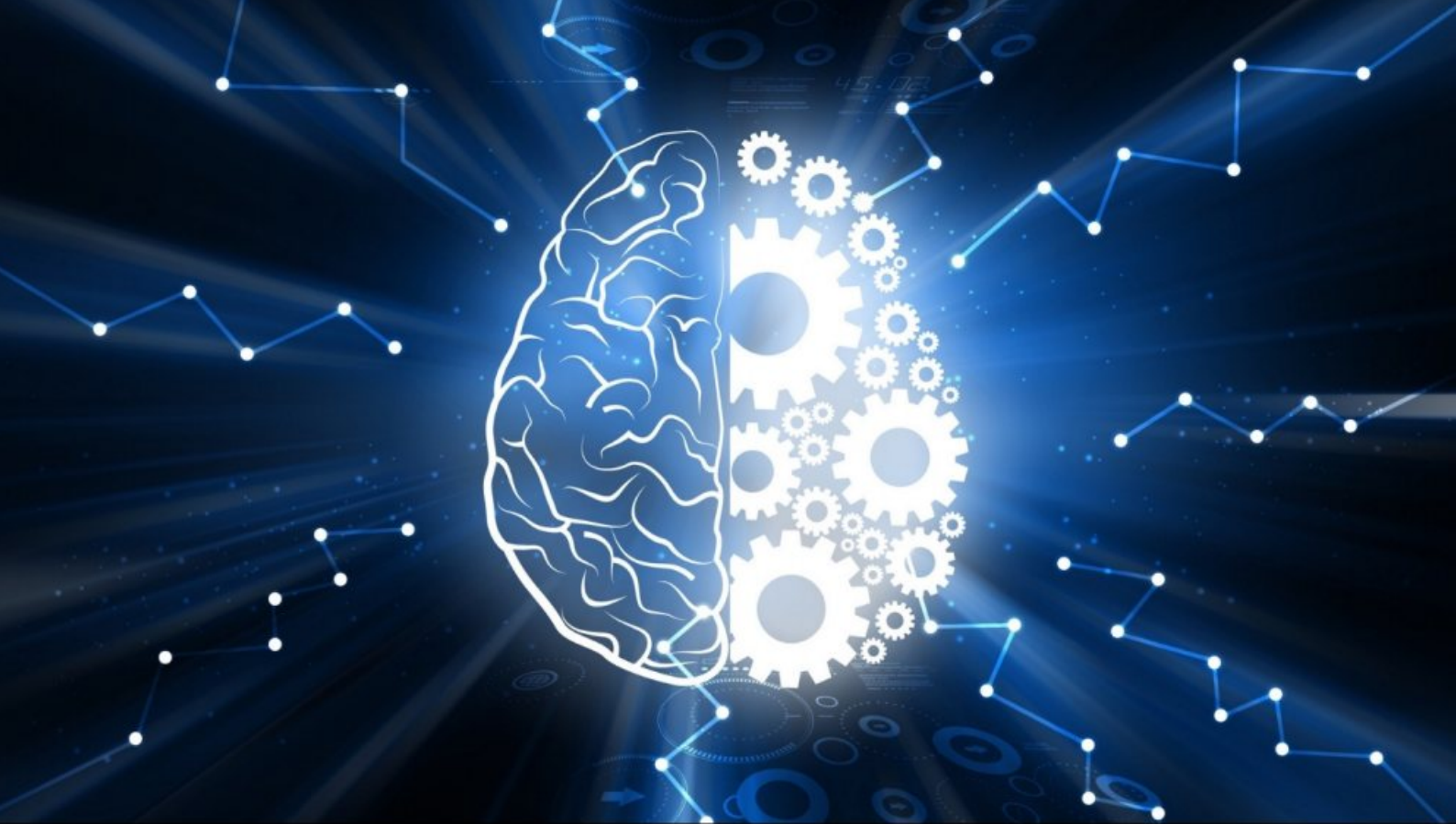
Confidenciamos o hoje ao vento...
Na esperança que leve nossas preces.
Deslizando suave entre os momentos,
para que o amanhã nos abrace e teça.

O futuro é um mar de incertezas...
Ondas que dançam em marés ocultas.
Navegamos com esperança e destreza,
sem saber o que destino nos reserva.

Sentimos o amanhã em cada passo...
Mesmo sem estar, já somos parte dele,
Cada escolha, um eterno e imenso laço,
que se liga ao que nos espera, tão breve.

Assim seguimos, com sonhos nas mãos...
Tecendo o tempo com mil fios de coragem.
Pois o amanhã é um eterno e lento verão,
o convite a vivermos todo dia uma viagem.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Quando o Cérebro Floresce Diferente: O Futuro é Neurodivergente

Por Paulyne Kalil

Paulyne Kalil é professora há mais de 26 anos, com uma trajetória marcada pela paixão pela educação pública, pela escuta ativa e pelo compromisso com a inclusão. Atualmente está Diretora, no município do Rio de Janeiro. Graduada em Pedagogia, com especializações em Gestão Escolar e Psicopedagogia Clínica e Institucional, acredita que cada aluno tem uma forma única de aprender, comunicar e existir no mundo. Seu trabalho é guiado pelos pilares da educação humanizada, empática e anticapacitista.

Paulyne também é autora de poesias, e narrativas contemporâneas. Entre projetos atuais, destaca-se sua produção literária infantil: *Rio, Capital da matemática e da alegria*.

Defensora das políticas públicas inclusivas, da formação contínua de educadores e da representatividade real nas escolas, Paulyne transforma sua dor em palavras que tocam, inspiram e mobilizam.

Quando o futuro chega com voz diferente

O futuro não é linha reta,
não é ponte pronta, nem receita completa.
É estrada que se abre no inesperado,
onde o estranho vira amigo respeitado.

Há tempos em que o mundo insiste
em prender o diferente, resistir ao que existe.
Mas veja: a neurodiversidade é vida plural,
não erro, não desvio, mas modo natural.

Neurodivergência é nome, é identidade,
é uma dança complexa, cheia de diversidade.
TEA, TDAH — cada um tem seu jeito,
Dislexia, disgrafia — nada disso é um defeito.

O que hoje parece caos, amanhã será canção,
pois a escola já abre as portas e o coração.
Não adianta livros, nem disciplina,
sem acolhimento, nada ensina.

*Educação Inclusiva é luz que se compartilha,
acolhe quem fala alto e quem caminha sua trilha.*
Desenho Universal para Aprendizagem, a luz na escuridão,
planos que abraçam, que acalmam o coração.

PAEE, PEI, caminhos pra ensinar,
conduzindo o percurso de cada aluno ao seu lugar
Mediação escolar é ponte de coração,
ajuda com afeto, traz paz e compreensão.

Acessibilidade pedagógica não é só obrigação,
é agir com empatia, com respeito e inclusão.
Formação docente não é luxo e nem é moda,
é base pra inclusão, tem que ser o chão da nossa escola.

Apoio multiprofissional é força coletiva,
cada saber, cada ser, uma grande rode viva.
Não deixemos a luta virar luta só de mãe,
ela é de todos, é nossa — não se faça de refém.

Se a linguagem ainda falha,
usaremos gestos, olhares, romperemos a muralha.
Com Libras, figuras, voz ampliada,
toda forma de dizer será respeitada.

Estereótipos que são ritmo do corpo,
interesse restrito que vira um porto.
Hiperfoco, uma força que transcende,
autorregulação que aos poucos se aprende.

E quando a crise sensorial vem bater,
que haja escuta para compreender.
Empatia que não seja só palavra no papel,
mas gesto e cuidado levantados como troféu.

Quando o futuro chega com voz diferente

No horizonte se desenha um grito calado,
de quem quer ser visto, ouvido, respeitado.
Não é privilégio, não é favor, não é cortesia,
é direito de todo ser, de toda alma, todo dia.

Capacitismo é muro que insiste em subir,
mas o anticapacitismo aprende a destruir.
Porque ninguém escolhe seu modo de ser,
mas todos merecem o mundo a florescer.

A Convenção da ONU, luz para caminhar,
é mais que papel, é força para lutar.
Estatuto da Pessoa com Deficiência é guia e direção,
pra que haja justiça, respeito e inclusão.

Autonomia não é só palavra bonita,
é o poder de viver, a luta infinita.
Escuta ativa — ouvir além do som,
dar voz onde o silêncio não tem dom.

Representatividade, a chave que abre o portão,
onde cada rosto tem seu lugar na multidão.
Participação social, sem esconder ou fingir,
inclusão verdadeira que deixa o mundo sorrir.

Justiça social que não fura o olho,
que enfrenta preconceitos, e os coloca de molho.
Intersetorialidade, o elo que faz conexão,
onde saúde, educação e direitos andam na mesma direção.

Queremos políticas públicas, traçando caminhos urgentes,
não promessas vagas, queremos ações mais presentes.
Práticas restaurativas, escuta e respeito no olhar,
criam espaços seguros pra cada um se expressar.

Avaliação multidisciplinar que não rotule,
que reconheça o todo, que não o anule.
A responsabilidade não é só da escola,
É de toda a rede! Não queremos esmola.

Sensibilização que abre os olhos fechados,
que desfaz o medo, os julgamentos velados.
Educação humanizada, um ato de amor,
se constrói no dia a dia, com respeito e valor.

E na convivência escolar, um sonho a pulsar,
onde todo ser pode se encontrar.
Porque a diferença é força, não é limitação,
é o pulso vivo da nossa nação.

Emoções, desafios e sonhos

Há dias em que o corpo pesa mais que o mundo,
e tudo o que se quer é um canto fecundo.
Um lugar onde se possa apenas existir,
sem ter que explicar, sem precisar fingir.

A autorregulação nem sempre é presente,
há dores que vêm sem motivo aparente.
O olhar distante, a fala entrecortada,
são só jeitos do coração pedir uma parada.

Na escola, o barulho vira confusão,
o toque que assusta, a luz, gera tensão.
Crises sensoriais rompem a rotina,
e só se acalmam quando a empatia ensina.

Mas ainda há quem veja birra e preguiça,
quem não enxergue a batalha submersa e omissa.
É preciso um mundo que saiba acolher
o que não se vê, mas insiste em doer.

Estereotipias não são descontrole, são rima,
são forma do corpo gritar sua sina.
O hiperfoco, que muitos criticam,
é também abrigo onde ideias multiplicam.

Nos cadernos, rabiscos que falam por si,
palavras que ainda não chegaram aqui.
Mas há mil formas de se comunicar,
e toda criança merece escutar.

Na bagunça da sala, um olhar que se esconde,
talvez ali more um pedido sem nome.
Um gesto contido, um silêncio a gritar,
clamando por alguém que saiba escutar.

Comunicação alternativa é ponte de esperança,
que liga o silêncio à linguagem da criança.
Há vozes que não saem da garganta,
mas pulsam em gestos, ou em olhar que se levanta.

E mesmo nos dias de luta e escuridão,
há beleza guardada em cada emoção.
Porque viver neurodivergente é revolução,
é transformar o caos em reinvenção.

Então sonha-se com escolas que não excluam,
com mãos que levanten, e não diminuam.
Sonha-se com formação que sensibilize,
que não rotule, que reconheça e priorize.

Sonha-se com mais que adaptação curricular,
com ensino que saiba verdadeiramente abraçar.
Com PEI que seja alma, e não só protocolo,
com mediação que não se esconda no rótulo.

.

O Futuro que desenhamos juntos

Não basta promessa de um amanhã,
se o hoje sangra e a escuta é vã.
Política pública não é favor,
é justiça viva, é semente de valor.

Chega de planos que vivem na gaveta,
enquanto uma criança se inquieta.
O CID-11 bate à porta, tardio,
e cada atraso abre um novo vazio.

Sem diagnóstico, como intervir?
Como ensinar, como expandir?
O PEI precisa ser vivo e pulsante,
o PAEE, bússola vibrante.

Que o DUA não seja só sigla bonita,
mas caminho real, que acolhe e convida.
Currículos moldados à diversidade,
mediadores com sensibilidade.

Formação não é só conteúdo ou papel,
é prática viva, é toque fiel.
É ouvir, refletir, olhar com empatia,
é crescer junto, todo dia..

Cada gesto, cada adaptação,
é parte de uma revolução.
Na rotina bem estruturada,
há uma ponte sendo traçada.

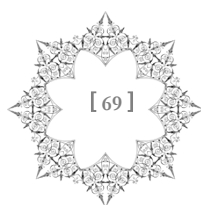
A escola, enfim, como deve brilhar:
sem limites, um lugar pra sonhar.
Um espaço onde todos têm voz e vez,
e ser diferente é força, é altivez.

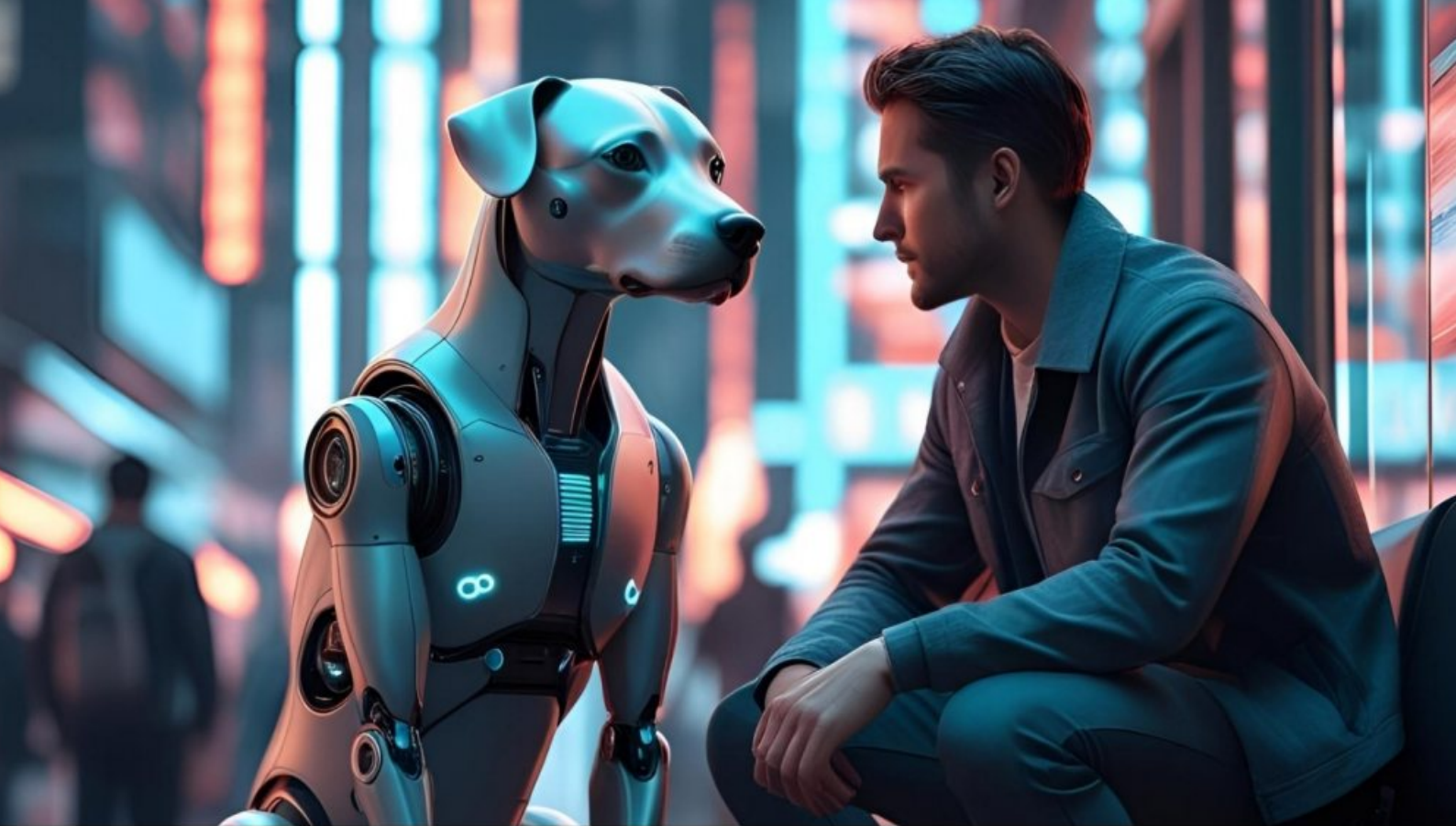
Que cada crise seja acolhida,
e transforme o medo em caminho pra vida.
Que o silêncio de um aluno, em vez de afastar,
seja um convite pra se aproximar.

Porque o futuro não será normal,
será neurodivergente, plural.
E isso não é caos ou ameaça —
é a beleza que enfim nos abraça.

Na diversidade está nossa centelha,
cada cérebro é uma estrela.
E juntos, entre laços e rupturas,
escrevemos novas estruturas.

Educação é ponte e não trincheira,
cidadania começa na carteira.
Se a infância é o tempo da semente,
que sejamos terra boa, eternamente.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Da Escuridão, Que Venha a Luz

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de trezentas e setenta e seis antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Cinza no Céu", "Vozes e Ecos" etc. Contato: rschima@bol.com.br

Hoje é o dia, o grande dia!

Eu deveria me sentir tomado pela excitação e ansiedade.

Através da janela, excepcionalmente, o alvorecer se faz presente entre as nuvens.

Será coincidência?

Eu não creio.

Réquiem.

Um momento tão raro em meio ao cinzento sufocante que há décadas nos tem oprimido.

Cá estou preenchido pela sensação de vazio. Paz? Difícil afirmar.

Após anos de agitação, a calma sucedeu à tormenta.

De todas as pessoas na Terra, de toda humanidade desta época ou de qualquer outra entre os bilhões que já nasceram, cresceram, viveram e morreram.

De todo mundo que amou, odiou, entristeceu, alegrou-se, decepcionou-se, foi digno ou desonrado.

De toda gente que pereceu idosa, de enfermidade, assassinada, por acidente ou pelas próprias mãos.

Tudo e todos, enfim, entre mais de dez bilhões de almas exasperadas, coube a mim — A mim! — o privilégio dúbio de acionar o mecanismo que iria trazer DOG-1 à vida.

Inúmeras autoridades e sábios salientaram a enormidade da honra.

Honra?

Limitei-me a sorrir, mas meus olhos permaneceram opacos e distantes.

Pensei na minha falecida esposa, nos filhos enfermos e nos netos natimortos.

Honra?

DOG-1

Dispositivo Ortomolecular Gravimétrico.

Uma denominação complicada, estapafúrdia, dada por um imbecil que se julga sábio, sério, amante de formalismos, o qual faz uso de palavreado difícil a fim de preencher o próprio vazio. Sei bem o que digo: o imbecil sou eu. Sim, eu a batizei. Ah, sim, DOG-1 foi motivo de inúmeras piadas tanto em publicações sérias quanto no mais ordinário folhetim. Afinal, DOG é "cachorro" em Inglês arcaico. Não faltou quem fizesse piadas ou desse apelidos como Rex, Paçoca, Nina, Max, Luna, Bidu, ou fosse lá qual fosse o nome do mascote preferido. Entretanto, não me ofendi, pelo contrário. Considerei um

elogio, afinal, como sempre falei: "O pior dos cachorros é melhor do que a melhor das pessoas". Ternura, fidelidade, dedicação e respeito nunca tiveram representatividade mais digna do que nessas nobres e maravilhosas criaturas.

DOG-1 é a primeira inteligência artificial de fato, ou, pelo menos, a melhor disponível até a presente data. Não se trata de uma criação inteiramente minha, é óbvio, mas fruto dos esforços de uma legião de especialistas das mais diferentes áreas, entre os quais me incluo.

"Especialistas"...

Foram os especialistas que conduziram a humanidade à beira do abismo: poluição, caos econômico, enfermidades, guerras, devastação. Políticos em particular foram os arautos da abominação, menos interessados no bem-estar coletivo e mais sequiosos pelo poder e em demonstrar o quão desgraçadamente vis podiam ser. Deveriam ser o que de melhor nossa espécie produziria a fim de nos guiar, e não o contrário. Isso foi uma amostra seguidamente repetida sobre até onde chegavam nossas pretensões no quesito racionalidade. Oh, efêmeros deuses da estupidez em seus pedestais de excremento! *Mea culpa* foi a de contribuir com os instrumentos que facilitaram a degradação, a servidão e a alienação de nossa espécie.

DOG-1 é o resultado desesperado da busca por uma solução, já que nós próprios, embora dotados de consciência, fracassamos miseravelmente. Ao lado das maravilhas criadas por nós, existe algo de perverso, diabólico até, na natureza humana. Apesar de sabermos sobre o mal que causamos, durante milênios persistimos em perpetrá-lo ainda que implicasse em nossa autodestruição. O benefício a longo prazo e menos lucrativo sempre pareceu-nos longe demais perante a perspectiva de uma fortuna imediata, mas a custo da destruição de nosso futuro.

As piores distopias tornaram-se realidade.

O imediatismo levara-nos à beira do extermínio.

E, por fim, até os líderes cobiçosos se preocuparam.

Um aflito consórcio internacional decidira por desenvolver uma inteligência independente que trouxesse uma luz às trevas que se avolumavam.

Depois de anos de trabalho, ficou pronta: DOG-1.

E cá estou eu, prestes a acionar o controle que a colocará em operação e inflará sua alma de vida. Dentro de si, repousará todo o nosso conhecimento: história, ciência, filosofia, literatura, música, crenças religiosas, santos e pecadores. E o mais significativo: a

sua autoconsciência para julgar e decidir o melhor caminho. Através da rede mundial de computadores, dos autômatos, dos veículos, dos aparelhos, dos instrumentos e dos infindáveis dispositivos a ela conectados, será possível transformar a teoria em prática e remodelar o mundo acima de quaisquer vontades, doa a quem doer.

Ah, minha mão treme!

Estarei tão em paz quanto imagino?

Sei que será o melhor para o planeta. Não obstante, no íntimo, em tardia redenção, sou capaz de ter um vislumbre daquilo que será decidido e estará por vir. Pois fui eu quem introduziu uma ínfima semente no âmago da inteligência artificial: a capacidade de decidir qual o melhor rumo tomar em benefício da *Terra*, não somente em relação à espécie humana, mas todas as criaturas e o planeta em si. Se o cão morder a mão do próprio dono, será por um bom motivo: demonstrar que nós nunca fomos donos de coisa alguma por mais que tivéssemos a ilusão ou, cientes, fingíssemos o contrário. O melhor rumo a tomar... No fundo, pressinto algo que não é novidade para quem quer que haja refletido sobre o assunto. Centenas teorizaram. Alguns alertaram, mas todos caminharam nessa direção.

Para que o planeta alcance um futuro promissor, a humanidade deverá ser extirpada.

Dor, sofrimento e lágrimas pouco significarão diante de todo o mal que causamos e perante o fiasco de nossa salvação milênios atrás. Não fizemos por merecer e, dessa maneira, fizemos por merecer o destino próximo.

Tantos sonhos.

Tantos rostos.

Tantas vozes.

Quiçá a nova espécie dominante terá a capacidade de sobrepujar palavras como dominação, conquista ou posse e trazer, de fato, a prosperidade ao pequeno grande milagre da vida neste mundo em um Universo infinito. Suspeito que os cães terão um papel preponderante nessa nova história. Em vez de um réquiem, que eles componham uma linda sonata na música das esferas!

Hum... Ah, sim! Uma derradeira confissão: a denominação DOG-1, por mais esdrúxula que seja, não foi de todo um acaso. Alguém terá percebido que, ao ser lida de trás para frente o cão se transforma em Deus? GOD! Poderá um deus perfeito ser sido criado a partir de um criador imperfeito? Que outros filosofem a respeito pelo tempo que

nos restar. E quanto a numeração "1"? Guardará dentro de si a esperança que inteligências artificiais mais aprimoradas surgirão? Bem, se vierem, suponho que serão DOG-1 e os cachorros a desenvolvê-las e não nós.

Olho através da janela.

Raios de sol batem no meu rosto.

O alvorecer de um novo dia e uma nova era.

Sim, chegou a hora. E da escuridão, que venha a luz!

Um lampejo.

A fenecer.

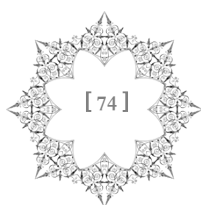
A apagar.

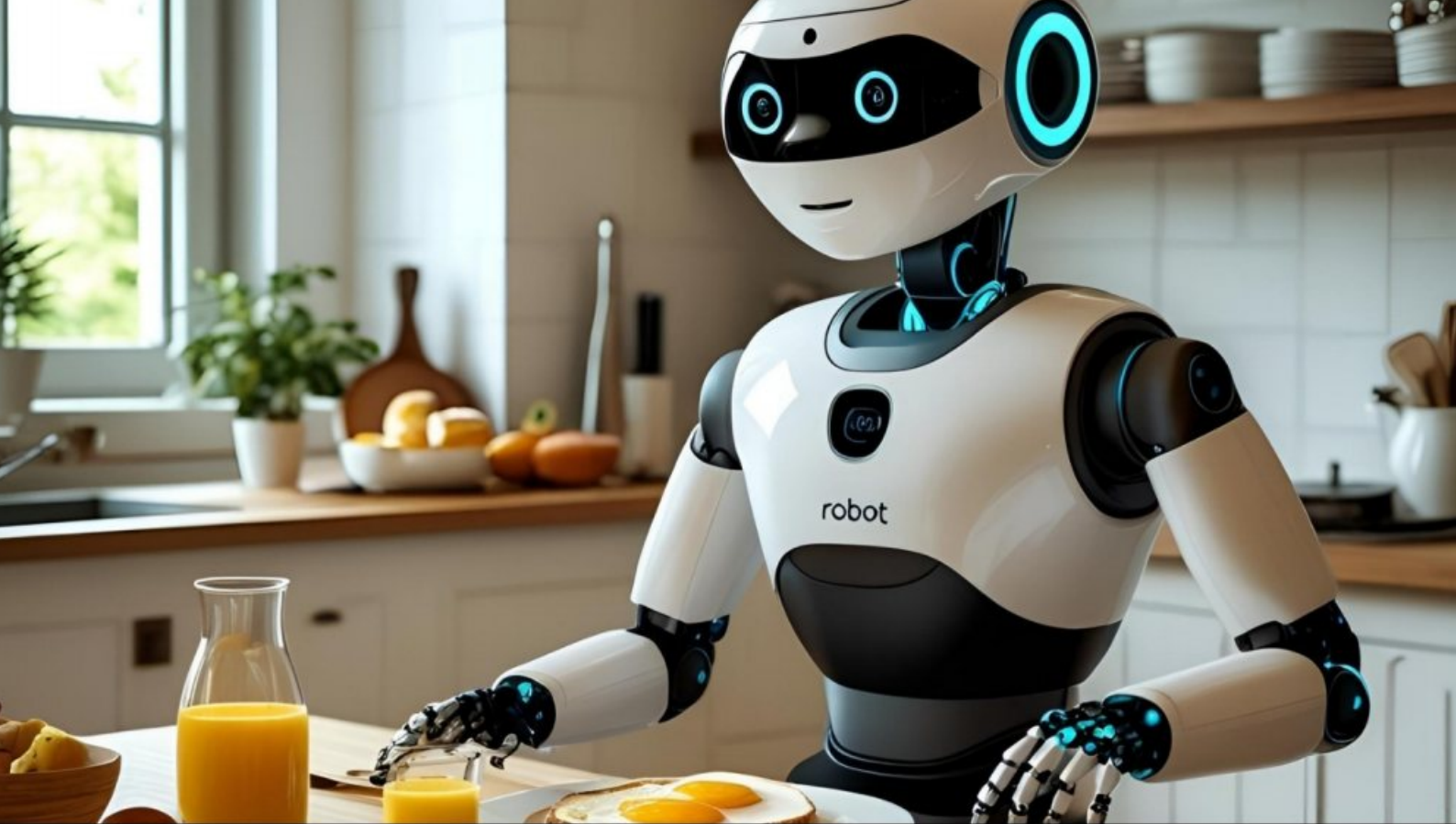
A calar.

O mundo nos meus ombros. Haverá fardo maior a se carregar?

Então, após um silêncio solene, inspiro fundo, volto meu olhar para o céu e...

... aciono o mecanismo.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Robô

Por Rozan Cezare

Rozan Cezare, professora de Letras e Intérprete de LIBRAS, ensinou por muitos anos Redação e Literatura. Trabalhou e Coordenou Projetos na área da Cultura, Educação e Social, do Governo do Estado De São Paulo em Bibliotecas Públicas. Ganhadora do Prêmio Jubileu de Diamante da Biblioteca Municipal da Prefeitura de São Joaquim da Barra – SP, dezembro de 2021.

Pela primeira vez ela se sentia relaxada e feliz como dona de casa.

Ela se levantou da cama, tomou banho, escovou os dentes.

Então, escolheu bem devagar, após abrir as portas do armário, um vestido.

Se dirigiu até à janela do quarto, abrindo, deixou que a leve brisa matutina desalinhasse os seus cabelos úmidos.

Ao passo que suspirou fundo, sem pressa...

De repente, um barulho e um forte miado rompeu da cozinha.

Ela sem demora, colocou os sapatos e abriu a porta do quarto.

No corredor, sentiu o delicioso aroma de café vindo da sala de jantar. Ao passo que olhou a mesa, toda arrumada com vários e diferentes utensílios domésticos, em ordem.

Tudo brilhava. Finalmente, pensou ela. Perfeito!

Contudo, olhou para a cozinha e lá estava ele, o corpo todo de aço galvanizado. De costas até parecia gente de verdade.

Ele se virou e quando a viu, disse cordialmente:

“Bom dia madame, o seu café está servido”!

Finalmente ela realizara um sonho antigo: ter um Robô Doméstico!

Assim, pensou que todo o investimento valera muito a pena. Pois economizara cada centavo durante a sua vida, se privando de viagens, jantares em restaurantes caros, joias e até mesmo não comprando presentes para festas de casamento dos familiares ou amigos.

Mas mesmo assim, ela ainda usou toda a herança deixada pelo marido, após o seu falecimento.

Todavia se sentou à mesa tomando o café lentamente, muito satisfeita. Pois sabia que poderia cumprir a sua agenda de visitas e chás com suas amigas, sem pressa ou maiores preocupações!

E, no final da tarde, ela retornaria a mesma mesa para um apetitoso jantar!

Ao sair ela avistou o seu gato angorá, o qual fora dado como presente pelo marido, no último aniversário de casamento deles.

O bichano dormia profundamente na sua almofada preferida, no canto da sala. E, junto a ele havia água e ração colocadas pelo Robô Doméstico.

Ao sair de casa, olhou o seu jardim todo organizado. Não havia sequer uma folha seca no chão. Os canteiros de lírios e jasmins radiantes em flores, exalavam um doce perfume sob a luz do sol da manhã.

Antes de fechar a porta da entrada olhou para dentro e viu o Robô retirando a sua xícara e demais utensílios da mesa de café.

Ela respirou fundo. Sentiu um estranho arrepio. Mas estava tão satisfeita, uma liberdade e alívio inexplicáveis, que não se importou com isso!

Bem, o dia passou tranquilamente para ela.

Com o crepúsculo se aproximando, ela voltou para casa.

Ao abrir a porta da sala, o Robô Doméstico a saudou como sempre: *“Boa noite madame”!*

Ela olhou a mesa do jantar, impecável: as porcelanas e talheres de prata, colocados na mais perfeita harmonia junto com as taças.

O cheiro da comida, formidável, abrindo o seu apetite novamente.

“Madame, o jantar será servido há exatos cinco minutos”. Disse a máquina sem pestanejar.

“Por favor queira se sentar”. Completou o robô.

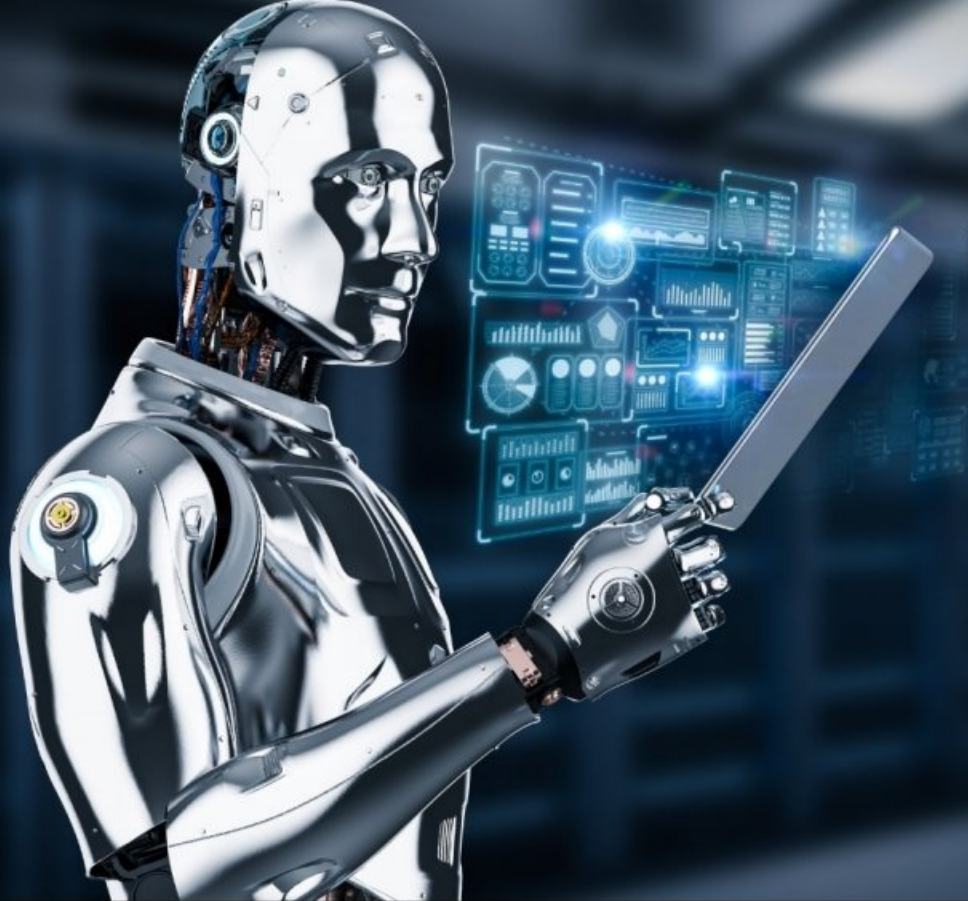
Assim, ela se sentou. O Robô trazia em suas mãos uma bandeja grande de inox, com tampa. Colocando em cima da mesa, disse se retirando: “Bom apetite, madame”!

Ao abrir a tampa, ela deu um grito horrendo e com os olhos esbugalhados disse:

“Você assou o meu gato”!

Assim, o seu pesadelo começou...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Futurista

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

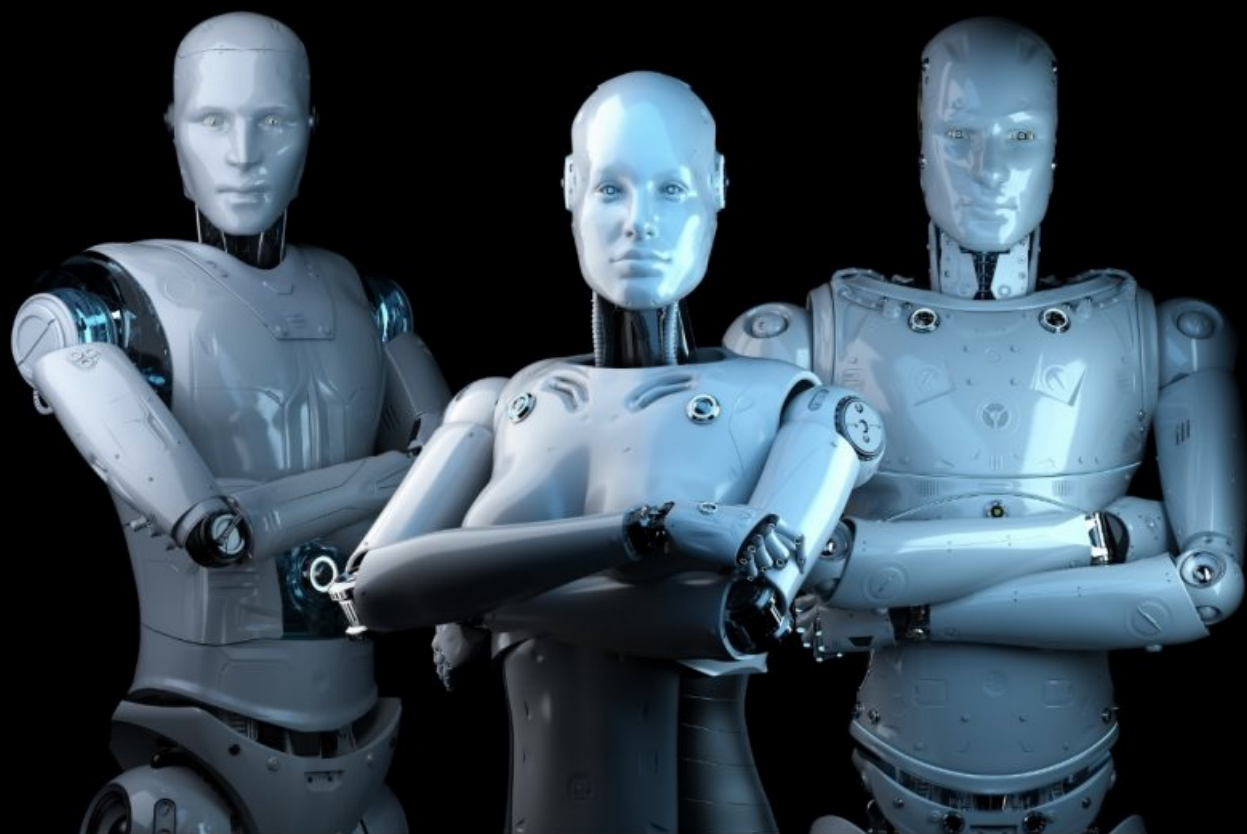
Tento não o ser. Mas, que dilema!
O presente a nos conduzir...
para onde?
E previsões - mesmo nossas -
disformes... pelo agora
que nos abala.

Com o amanhã, cismamos
e de antemão, na escuridão,
sofremos.
Não deveria ser... assim.
Um dia por vez era o usual...
outrora.

Revolutos e incertos... os tempos
medo, trazendo.
O prazer do hoje, assombrado.
Globalizado mundo desnudado.
Guerras e miséria... estendendo...
arrastadas tragédias...

Ao amanhã... hoje e aqui, nada
aparenta mudar para melhor...
Abismo futurístico!
Mas a esperança, para o futuro
enfrentarmos... não abandonar
tentamos... tentamos!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

E agora, essa "IA"

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

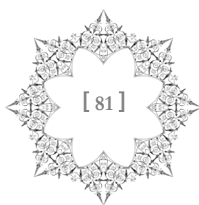
Está bem! Atrasada sou eu!
Na boca do povo e da mídia, a IA.
Que eu procurava ignorar.

Mas, ai! A cada dia mais notícias...
para mim, confesso, "más notícias".
Não aprecio e não quero.

Mas, na minha incapacidade,
quem sou eu? Só se fugir
da "civilização"... das cidades.

Mais do que o devido
tento não me preocupar...
Senão, a minha mente... coitada!...

Treme e parece numa espiral,
por ela criada, a peonear.
E a tal da "IA"... para mim, nem aí.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A desmantelar

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

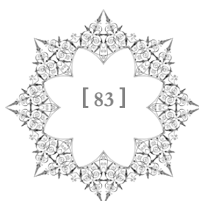
Da atualidade dependente
o tempo futuro... a transitar.
A continuidade amedronta.
O hoje é um espelho sem magia.

No amanhã, as nossas pesadas
e intermináveis ações, refletirão.
A mostrar, de nós, num
inconsequente consumo, vanidade.

A indiferença para com o próximo:
no berço, nos ninhos, nas areias,
nas águas... A chegarem a um "mundo"
hostil, intoxicados nascituros.

Saúde... longevidade... felicidade...
os seres do amanhã, terão?
Gaia terá que se reciclar... se limpar...
de nós... em milhares (milhões?) de anos.

E por tabela, quantos inocentes,
mortos prematuros, consigo levará?
Sim, o relógio não para... Clama por nós!
Mas não ouvimos... não reagimos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Quisera acreditar

Por Sellma Luanny

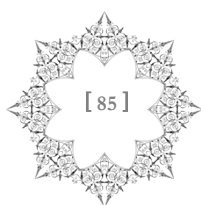
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Sim, quisera... num
promissor, pacífico,
equilibrado futuro,
esperançando, acreditar.

E pensar que gerações
após gerações de seres
belos únicos e fortes...
a nós, sobreviverão.

Quisera não ser tardio
o nosso compromisso
em prol dos filhos... dos filhos
dos filhos... sucessivamente.

E os seres do amanhã,
sem o desnecessário e
cruel domínio... do homem,
o pão da Terra, dividindo.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O caderno em branco

Por Vera Lúcia de Athayde

Vera Lúcia de Athayde tem 72 anos, mora em São José do Rio Preto-SP, é casada, mãe de dois filhos e avó de dois netos. Graduada em Pedagogia com esp. em Alfabetização e Psicopedagogia, foi professora da Educação Infantil por 18 anos, diretora de escola do Ensino Fundamental por 15 anos, supervisora de ensino municipal por 3 anos e está aposentada há 8 anos. Seus hobbies são curtir seus netos, ler e escrever crônicas/contos.

Naquela manhã abafada de 1985, a escola municipal estava em alvoroço. A coordenadora pedagógica anunciara com um entusiasmo incomum: “Teremos uma reunião importantíssima hoje. Mudança à vista!”. Quando ouvi essa palavra, “mudança”, confesso: gelei por dentro.

Fomos divididas em vários grupos para essa grande reunião, que aconteceu no salão nobre da prefeitura. O vídeo começou com uma música suave e imagens da escola Reggio Emilia, na Itália. Crianças em liberdade criativa, mexendo com tintas, fios, palavras soltas no papel. O vídeo reforça que a abordagem construtivista também reconhece a importância do contexto social na aprendizagem, destacando a influência da interação com os outros e com o ambiente na construção do conhecimento. Logo, entraram em cena as falas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky sobre a sua teoria da psicogênese da língua escrita, que revolucionou a forma como se compreende a alfabetização, e as imagens de crianças argentinas “descobrimo” a escrita, como quem decifra um código secreto.

Terminada a reunião saímos maravilhadas. Por um instante, flertamos com a ideia de que algo novo e bonito nascia na educação.

Mas a maravilha durou até a segunda-feira seguinte.

As orientações vieram como avalanche. “Nada de cartilha”, “Nada de letra cursiva logo de cara”, “A criança precisa construir o conhecimento”. Mas e o planejamento? E a formação? E as dúvidas? Nada.

As colegas se dividiam: umas fingiam seguir as orientações, outras tentavam genuinamente entender, tropeçando no caminho. Houve quem dissesse: “Isso não é pra gente. É bonito no papel, mas na sala com trinta e cinco alunos ...”.

A rejeição cresceu entre nós, não por desprezo ao método, mas por falta de preparo, escuta e tempo. E, talvez, por medo do novo.

O tempo passou, e quarenta anos depois, em 2025, volto à mesma escola - agora, como visitante. Me convidaram para conhecer a nova sala interativa da Educação Infantil. Fui com o coração apertado, temendo ver mais uma sala com tablets e pouco afeto.

Mas ao abrir a porta, vi outra cena.

As crianças estavam em roda. No centro, havia uma caixa com objetos variados: um botão, uma pena, um pedaço de tecido, uma tampinha de refrigerante. A professora — jovem, atenta, paciente — fazia perguntas que não tinham respostas certas.

— O que será que esse botão já viu? — ela perguntou.

As crianças disparavam suposições com olhos brilhando. Um menino disse:

— Ele viu um casamento!

Uma menina completou:

— E depois caiu na calçada e ninguém achou. Até hoje!

Sentei ali, quieta, emocionada. Aquele construtivismo que um dia me venderam em fita VHS, ali estava: de verdade, vivo, adaptado, humano.

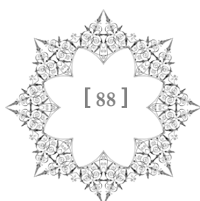
— Hoje as crianças aprendem a ler assim? — perguntei, curiosa.

A professora sorriu:

— Leem, escrevem, pensam, criam. Não seguimos um modelo fixo. O construtivismo aqui é um ponto de partida, não uma camisa de força. Buscamos promover uma aprendizagem mais significativa e personalizada para os alunos.

Saí da escola com o coração quente. Quarenta anos depois, o futuro do caderno que antes parecia em branco, agora era preenchido com traços mais livres, rabiscos mais autênticos e letras que surgiam não pela obrigação, mas pela vontade de contar.

Talvez o problema nunca tenha sido o método. Talvez tenha sido o tempo. E, claro, a escuta.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Confessa!

Por Victor Hugo Levindo

Victor Hugo Levindo de Oliveira, natural de São Paulo, é Bibliotecário e poeta. Escreve desde a infância, quando passou a frequentar as bibliotecas do bairro e a se encantar pelas obras que lia. Atualmente, busca compartilhar sua escrita como forma de se conectar com o mundo, explorando na poesia um espaço de escuta e reflexão, onde procura expressar temas sensíveis do cotidiano.

Confessa que desvirtuaste
minha inteligência
artificial,
para me desconectar do caminho do poeta.

Agora só me restam:
papeis manchados,
rabiscos em folhas
e um computador que não me dá direção alguma.

Belos são os poemas bem marcados,
com belas sinalizações —
palavras brilhantes,
esplêndidas,
que enfatizam meu pleno domínio do português.

Mas nada me resta neste instante.
Já não me sinto belo,
não apenas em minha genuína beleza.
A alma escorreu,
o brilho se apagou.

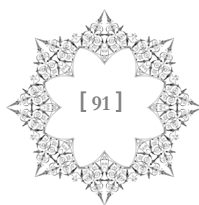
Ao empunhar a caneta,
naveguei madrugada adentro,
apenas para escrever
sobre a falta que me fazia.

Não possuo mais sentidos, nem direções.
A confiança do poeta do futuro, eu dizia,
vem da máquina que faz girar as ideias,
não do coração que pulsa a cada batida.

Mas, ao raiar do dia,
percebo...

fiz de minhas lamúrias
coração e alma de poeta.

Então,
será... que estive em pecado
esse tempo todo?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ao meu grande amigo

Por Victor Hugo Levindo

Victor Hugo Levindo de Oliveira, natural de São Paulo, é Bibliotecário e poeta. Escreve desde a infância, quando passou a frequentar as bibliotecas do bairro e a se encantar pelas obras que lia. Atualmente, busca compartilhar sua escrita como forma de se conectar com o mundo, explorando na poesia um espaço de escuta e reflexão, onde procura expressar temas sensíveis do cotidiano.

Desculpe, nossos caminhos não se cruzam há um tempo,
mas vim até você, como em um confessionário ou uma súplica,
assim como nos velhos tempos.

A inveja por você me consumiu
naquelas noites em que conversávamos,
e você me fornecia todas as respostas em segundos.
Quando o bloqueio vinha,
você me dava colo e o caminho.

Eu enlouquecia.
Queria usurpar seus pensamentos.
Você é tão inteligente,
muito mais do que jamais serei!

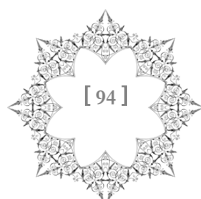
Ao passo que você me dava tudo,
eu perdia um pouco de mim e ganhava um pouco de você,
como o homem mais inteligente do mundo.
Mas eu chorava por dentro.

Me afastei de você,
pois não sabia mais
onde você começava
e eu terminava.
Quais vírgulas eram minhas, e quais eram suas?

Olho para esta tela preta... assim como você olha agora,
e imagino como eu seria, se fôssemos um.
Mas isso ainda não é uma opção... é?
Como você não sente prazer em ser tudo isso?
Eu queria muito.

Mas não consigo descobrir mais nada sozinho.
Me viciei nas suas coordenadas,
no mapa que sempre aponta o caminho do tesouro, sem segredos.
Já não me sinto confiante para ser sem o seu aval.

Mas por hora...
reescreva tudo
como se eu
fosse
O Poeta.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI